



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE FLORESTAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA FLORESTAL

**NAYANI FERREIRA LACERDA**

**USOS DE PLANTAS POR QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA: UM OLHAR  
ECOLÓGICO SOBRE ÁRVORES, ARBUSTOS E PALMEIRAS.**

Prof. Dr. Jerônimo Boelsums Barreto Sansevero

Orientador

SEROPÉDICA, RJ  
JULHO - 2024



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE FLORESTAS  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA FLORESTAL

**NAYANI FERREIRA LACERDA**

**USOS DE PLANTAS POR QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA: UM OLHAR  
ECOLÓGICO SOBRE ÁRVORES, ARBUSTOS E PALMEIRAS.**

Monografia apresentada ao Curso de Engenharia Florestal, como requisito parcial para a obtenção do Título de Engenheiro Florestal, Instituto de Florestas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

Prof. Dr. Jerônimo Boelsums Barreto Sansevero  
Orientador


SEROPÉDICA, RJ  
JULHO - 2024

# **USOS DE PLANTAS POR QUILOMBOLAS DA MATA ATLÂNTICA: UM OLHAR ECOLÓGICO SOBRE ÁRVORES, ARBUSTOS E PALMEIRAS.**

**NAYANI FERREIRA LACERDA**


APROVADA EM: 26/07/2024

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente  
 **JERONIMO BOELSUMS BARRETO SANSEVERO**  
Data: 02/08/2024 07:40:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>


---

**Prof. Dr. Jerônimo Boelsums Barreto Sansevero - UFRRJ**  
**Orientador**

Documento assinado digitalmente  
 **ROBLEDO MENDES DA SILVA**  
Data: 02/08/2024 06:11:18-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**Dr. Robledo Mendes da Silva - UFRRJ**  
**Membro**

Documento assinado digitalmente  
 **NORMA DA SILVA ROCHA MACIEL**  
Data: 02/08/2024 13:47:22-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

**M.Sc. Norma da Silva Rocha Maciel - UFRRJ**  
**Membro**

Aos meus pais e a todos os meus ancestrais, que me ensinam a plenitude dos saberes e me inspiram a buscar o conhecimento com humildade e gratidão. Esta conquista é fruto do legado que vocês me transmitiram.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a força suprema, a todos os meus guias e guardiões, cuja sustentação foi imprescindível para chegar até aqui, esse trabalho representa a renovação de um ciclo e sem a força e inspiração divina, não seria possível.

Assim, gostaria de expressar minha sincera gratidão a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho.

Agradeço ao meu orientador, Professor Jerônimo Boelsums Barreto Sansevero, por aceitar a orientar um tema distinto da sua área de estudo, sou muito grata pelo acolhimento e pelo suporte oferecido. Suas sugestões e comentários foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo.

Agradeço também aos membros da banca examinadora, Robledo Mendes da Silva e Norma da Silva Rocha Maciel, pelas contribuições e por toda compreensão, disponibilidade e apoio ao longo dessa pesquisa.

Aos colegas do Laboratório de Ecologia Aplicada (Leap), Heron Casati Fernandes e Ângelo Mantovani, pela ajuda e receptividade.

Aos meus pais Nelson e Ângela, meus irmãos Nayara e Felipe, e ao meu companheiro Bernardo, gratidão por todo o suporte e incentivo constante. Vocês são essenciais.

Expresso minha gratidão a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro pela possibilidade de realizar esta pesquisa e por todas as experiências vividas nesse ciclo.

E finalmente, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho. A todos, gratidão.

## RESUMO

Os saberes formados através do conhecimento empírico são diversos, possibilitando a coevolução do homem e da natureza. Os povos tradicionais são guardiões de práticas estabelecidas na compreensão e respeito aos ciclos, que são herdadas de geração a geração, são comunidades que estabeleceram um laço importante com o meio em que vivem. As comunidades remanescentes de quilombos são símbolo de resistência cultural e preservam os saberes de um povo que se aliou à natureza para sobreviver. Dessa forma, este estudo tem como objetivo realizar uma síntese das espécies e usos, descritos em bibliografia, com foco nas espécies arbóreas, arbustivas e palmeiras, citadas por quilombolas na Mata Atlântica. Este é um estudo de revisão integrativa, onde foram utilizadas palavras-chave, em português e inglês, com suas respectivas traduções, “Quilombo” ou “Quilombola” e “Mata Atlântica” e “Etnobotânica” ou “Etnobotânico”. A busca por artigos utilizou a plataforma Google Acadêmico, formando um banco de dados, que após sistematização resultou na elaboração de um mapa de localização geográfica, possibilitando a visualização da distribuição espacial das comunidades. Foi estabelecida uma listagem de 477 espécies com nomenclatura científica revisada e descrições de usos divididos em oito categorias. Ainda, foram destacadas as principais espécies com mais citações de categoria de usos, como a *Solanum pseudoquina* A. St.-Hil., citada para cinco categorias, e as espécies com mais citações para cada categoria de uso como a *Anacardium occidentale* L, citada nove vezes para uso medicinal. Com os múltiplos usos e a diversidade de espécies descritas, é evidenciado a diversidade desses saberes, e explicitando a importância da valorização das comunidades tradicionais como caminho na busca do enfrentamento das crises socioambientais contemporâneas. Assim, se destaca a importância de integrar essas comunidades às políticas de conservação do país.

**Palavras-chave:** Comunidades tradicionais, Agroecologia, Memória biocultural, Etnobotânica e Etnoecologia.

## ABSTRACT

Knowledge acquired through empirical experience is diverse, enabling the coevolution of humans and nature. Traditional peoples are custodians of practices rooted in understanding and respecting cycles, passed down from generation to generation. These communities have established a significant bond with their environment. The remaining quilombo communities are symbols of cultural resistance and preserve the knowledge of a people who allied with nature to survive. Therefore, this study aims to synthesize the species and uses described in the literature, focusing on tree species, shrubs, and palm trees mentioned by quilombolas in the Atlantic Forest. This is an integrative review study, using keywords in Portuguese and English with their respective translations: "Quilombo" or "Quilombola" and "Atlantic Forest" and "Ethnobotany" or "Ethnobotanical." The search for articles was conducted using the Google Scholar platform, forming a database that, after systematization, resulted in the creation of a geographic location map, allowing visualization of the spatial distribution of the communities. A list of 477 species with revised scientific nomenclature and usage descriptions divided into eight categories was established. Additionally, key species with the most cited use categories were highlighted, such as *Solanum pseudoquina* A. St.-Hil., mentioned for five categories, and species with the most citations for each use category, such as *Anacardium occidentale* L., cited nine times for medicinal use. With the multiple uses and diversity of described species, the diversity of this knowledge is evidenced, highlighting the importance of valuing traditional communities as a path to addressing contemporary socio-environmental crises. Thus, the importance of integrating these communities into national conservation policies is emphasized.

**Keywords:** Traditional communities, Agroecology, Biocultural memory, Ethnobotany, Ethnoecology.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA.....</b>	<b>2</b>
2.1. Quilombos: diversidade e resistência.....	2
2.2. A Memória da Espécie e o Papel das Comunidades Tradicionais.....	4
2.3. Mata Atlântica: Desafios de Conservação e a Importância das Práticas Tradicionais...	5
<b>3. MATERIAIS E MÉTODOS.....</b>	<b>6</b>
3.1. Seleção dos dados.....	6
3.2. Composição do banco de dados.....	7
<b>4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>5. CONCLUSÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>14</b>
<b>APÊNDICE A - ARTIGOS SISTEMATIZADOS.....</b>	<b>18</b>
<b>APÊNDICE B - DADOS DAS COORDENADAS GEOGRÁFICAS.....</b>	<b>20</b>
<b>APÊNDICE C - LISTA DE ESPÉCIES E CATEGORIAS DE USOS.....</b>	<b>22</b>



## 1. INTRODUÇÃO

No Brasil Colônia os quilombos foram símbolos de rebeldia e resistência por serem comunidades formadas por escravizados fugidos do cativeiro<sup>1</sup> (Gomes, 2005). Assim como foi símbolo de diversidade cultural devido à união de várias etnias africanas, além de caboclos e indígenas. Para se manterem seguros, buscavam por locais de difícil acesso, como o interior das matas, dessa forma, utilizavam os recursos naturais disponíveis para garantir sua sobrevivência e subsistência (Fiabani, 2005). Diante das circunstâncias, e em conjunto com os saberes desses povos, desenvolveu-se uma relação simbiótica com a natureza, refletida até os dias atuais, que se expressa nas práticas culturais e de manejo. As comunidades quilombolas seguem como símbolo de resistência cultural, suas práticas são declaradas como patrimônio cultural brasileiro (CF, art. 216, 1988), e refletem um conhecimento tradicional profundamente enraizado em sua história e cultura.

A utilização de plantas pelos quilombolas é uma parte fundamental dessa relação com a natureza (Perreira 2023; Gomes, 2015; Fiabani, 2005; Faust e Marques, 2019). Esses grupos tradicionais demonstram um conhecimento detalhado sobre as plantas que habitam em seu entorno, empregando-as em diversas práticas como a alimentação, medicinal, construção, higiene pessoal, entre outras. A importância das plantas no cotidiano dessas comunidades é um testemunho da integração entre saberes tradicionais e práticas de manejo sustentável, evidenciando uma conexão intrínseca entre a cultura quilombola e o meio ambiente (Diegues 2000; Toledo e Bassol, 2015).

O bioma Mata Atlântica está localizado na costa brasileira, local onde a incursão portuguesa iniciou a ocupação do território brasileiro, assim, compreende-se o vínculo histórico que as comunidades quilombolas formaram com o bioma, que se destaca pela grande diversidade. A Mata Atlântica, com sua vasta biodiversidade, oferece uma variedade de recursos que as comunidades quilombolas utilizam para preservar suas tradições e modos de vida. Por sua vez, as comunidades tradicionais desempenham um papel crucial como agentes de conservação, mantendo práticas de manejo que ajudam a preservar a integridade ecológica da região, ao mesmo tempo em que perpetuam seus saberes (Altiere, 2004; Leff, 2002).

Neste contexto, este estudo tem como objetivo sintetizar os conhecimentos já publicados sobre o uso de plantas pelas comunidades quilombolas na Mata Atlântica, com foco específico nas espécies arbóreas, arbustivas e palmeiras. A partir da análise de estudos existentes, busca-se levantar os usos citados dessas espécies, proporcionando uma visão abrangente da importância dessas plantas para as comunidades quilombolas e sua contribuição para a conservação da Mata Atlântica. Este levantamento não só valoriza o conhecimento tradicional, mas também reforça a necessidade de políticas de conservação que integrem as comunidades locais como parceiros essenciais na proteção da biodiversidade.

---

<sup>1</sup>O autor se refere ao surgimento dos quilombos, mas em seu texto também destaca a evolução do conceito de quilombo. Outras comunidades remanescentes de quilombos tiveram outros contextos de surgimento, como através de doação de terras ou abandonos de fazendas..

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1. Quilombos: diversidade e resistência

A colonização do continente americano é marcada pela formação de sociedades em que prevaleceu o trabalho forçado, com os povos nativos, que foram exterminados e assimilados, e sobretudo por povos trazidos da África (Gomes, 2015). Em uma sociedade escravista o trabalhador escravizado, status permanente e hereditário, é considerado uma mercadoria que deve obediência irrestrita ao proprietário. O Brasil foi uma sociedade extremamente escravista com a economia baseada no latifúndio voltado à produção de mercadorias (Fiabani, 2005).

Durante mais de três séculos e meio, milhares de homens e mulheres foram trazidos pelo tráfico negreiro de diversas regiões do continente africano e pertencentes a várias etnias, com cultura, costumes e ofícios diversos. Os escravizados que suportavam a viagem pelo Atlântico foram precursores, adaptaram seu modo de vida e linguagem (Gomes, 2015). A força de trabalho dos cativos ergueram verdadeiros impérios, plantaram monocultivos como o de cana-de-açúcar, café, milho e algodão, as bases de um mercado baseado em commodities, raízes do atual agronegócio brasileiro. Mas mesmo com a dura perseguição, maus tratos e os terríveis castigos, sempre houve resistência.

A história dos povos escravizados no Brasil é permeada de muita luta e resistência, os autores citados acima, nas obras “Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil” e “Mato, palhoça e pilão : O quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532- 2004)”, descrevem diversas práticas de oposição ao regime escravista, como, o baixo rendimento no trabalho; as revoltas e insurreições; o suicídio e principalmente a fuga. As fugas eram constantes, ocorriam em momentos oportunos, escravizados de todas as idades, em grupo ou sozinhos. As fugas eram sempre muito bem planejadas e mesmo com a forte repressão foram importantes na luta que levou ao fim o regime de produção com trabalhadores escravizados no Brasil.<sup>2</sup>

Talvez fugir tenha sido a forma mais comum de protesto. Eram ao mesmo tempo presentes e invisíveis. Nas áreas rurais, as dificuldades mudaram de lugar, ficando o fugitivo entre uma vida movediça e sempre improvisada; andando sozinho ou em dupla pelas matas, tentando fazer alianças para obter proteção. Outras experiências tiveram aqueles que escaparam (muitas vezes coletivamente) e formaram comunidades, procurando se estabelecer com bases econômica e estrutura social própria. (Gomes, 2015, p. 9).

Conforme o mesmo autor, no Brasil, as comunidades formadas pelos cativos fugidos inicialmente foram chamadas de mocambos, palavra de origem africana que significava uma madeira estrutural utilizada para hastear cabanas, posteriormente foram chamadas de quilombos, palavra também de origem africana, que significava para algumas etnias acampamentos improvisados e para outras etnias estava relacionada aos ritos de iniciação de guerreiros. Locais de difícil acesso eram procurados pelos escravizados fugidos para estabelecer essas comunidades “A natureza (fauna e flora) era aliada dos quilombolas, pois áreas de planaltos, montanhas, pântanos, manguezais, planícies, cavernas, morros, serras, florestas, rios etc. eram transformadas em refúgios.” (Gomes, 2015, p. 16).

Dessa forma pode ser compreendido que a natureza preservada era fundamental para o sucesso da fuga e obter a liberdade e segurança sonhada. Manejavam os recursos naturais para

---

<sup>2</sup>Considerando-se que o fim do regime escravista no país foi uma junção de fatores, além da resistência dos escravizados, como pressão externa e declínio na produção de café.

obter sustento, medicação, moradia, proteção e os excedentes eram trocados nos centros urbanos. Existem inúmeros registros (Perreira 2023; Gomes, 2015; Fiabani, 2005; Faust e Marques, 2019) de cultivos nos quilombos como o da mandioca; do milho; da batata; do algodão; de inúmeras frutíferas; também consta o uso de ervas; extração de resinas como o breu, extração de gorduras e óleos vegetais como o do dendazeiro e a carrapateira; o uso da madeira na construção de casas, canoas e utensílios como o pilão. O vínculo com o território, as práticas culturais e de manejo sustentável favoreceram a perpetuação das comunidades quilombolas até os dias atuais, transmitindo seus conhecimentos de forma oral ao longo das gerações.

A relação com as matas, várzeas, lagoas, pântanos e rios da região, (...) é um aspecto fundamental da vida dos quilombolas e suas formas de constituição da paisagem. Esses locais eram onde as famílias logravam alimentos, fibras vegetais e madeiras, essenciais à vida nos quilombos. (Pereira, 2023, p. 13).

Segundo Gomes (2015), a invisibilidade dos fugidos nos centros urbanos possibilitou a troca dos produtos dos quilombos por itens de necessidade para a comunidade<sup>3</sup>. O autor descreve que a possibilidade de se integrar ao mercado urbano, mesmo que de forma clandestina, foi importante para a resistência dos fugitivos, principalmente das comunidades que estavam mais próximas aos centros urbanos. No entanto, nota-se que o sucesso das fugas só foi possível pela integração homem-natureza, baseada em uma relação de profunda compreensão e respeito.

Após o fim formal do regime escravista no Brasil as autoridades fizeram questão de invisibilizar as comunidades quilombolas. O Estado colonial aderiu uma política de embranquecimento da população, assim optou-se pela atração de colonos para a formação de um contingente de força de trabalho branca. A principal estratégia foi a oferta de terras para esses colonos que aceitassem ir para o novo continente. Muitos negros foram traficados após o fim oficial do regime escravocrata no Brasil e sua desumanização se perpetuava, sua cultura continuava criminalizada e perseguida. A segregação racial foi um projeto acompanhado da segregação socioespacial e a estrutura gerada a partir dessas segregações se mantém no Brasil contemporâneo.

Com a privação dos direitos dos negros, esse campesinato formado ao longo da história, não teve seus territórios reconhecidos. Os representantes dos latifúndios brasileiros se empenharam para evitar reformas nas leis que modificassem o favorecimento e manutenção da propriedade latifundiária (Fiabani, 2005). E somente na mobilização nacional por direitos, já no século XX, na constituição de 1988, foi assegurada na lei, Art. 68., o reconhecimento das terras dos remanescentes das comunidades dos quilombos. O processo desse reconhecimento é um processo complexo que se desdobra atualmente.

Ainda segundo Fiabani, o conceito de quilombos foi discutido ao longo do tempo, de acordo com a conjuntura da época e a necessidade das comunidades afrodescendentes. Todavia, tanto os quilombos formados pelos fugitivos do trabalho forçado, como os quilombos formados por remanescentes de comunidades quilombolas, a luta por direitos e contra a desumanização do ser, é a mesma. Assim, comunidades quilombolas agregam significado histórico e contemporâneo de resistência sociocultural e símbolo da luta pelos direitos do povo negro.

---

<sup>3</sup>Gomes (2015) descreve que essa invisibilidade foi possível pois a maior parte da população era negra e escravizados fugidos se camuflavam com os outros cativos. Com tudo, avalia-se que, devido a dificuldade estratégica de acesso aos quilombos, essa circulação era reduzida.

## 2.2. A Memória da Espécie e o Papel das Comunidades Tradicionais

Segundo Toledo e Bassol (2015), a memória da espécie humana é composta por três eixos: a genética, linguística e cognitiva. Estes são manifestados nos diversos genes, línguas e saberes. As duas primeiras seriam responsáveis pelos registros do homem nos diversos meios, enquanto a memória cognitiva seria a responsável por mostrar como foi o processo de adaptação do homem a cada um desses meios, ou seja, seria o fruto de uma complexa relação construída entre o homem e a natureza.

Os autores evidenciam as relações históricas que a humanidade tem estabelecido com o meio, relações que permitiram a sustentação de sociedades que tiveram seu referencial de existência na natureza. Assim, descrevem essa lembrança cognitiva, como a “memória biocultural”<sup>4</sup> e destacam que essa memória vem resistindo através dos povos tradicionais.

Para Diegues (2000) e Toledo e Bassol (2015) às populações tradicionais como as comunidades camponesas, caiçaras, quilombolas, ribeirinhas, pantaneiras, de pescadores artesanais, extrativistas e indígenas, são grupos de cultura singular e expressam no modo de vida, no manejo tradicional, nos contos e mitos, a memória do laço histórico homem-natureza.

Esses sistemas tradicionais de manejo não são somente formas de exploração econômica dos recursos naturais, mas revelam a existência de um complexo de conhecimentos adquiridos pela tradição herdada dos mais velhos, por intermédio de mitos e símbolos que levam à manutenção e ao uso sustentado dos ecossistemas naturais (Diegues, 2000; p.20).

Estes autores ainda afirmam que as práticas de usos das plantas, a domesticação e manejo, assim como os mitos e rituais de sociedades tradicionais, são formados pela união do mundo natural e social, e geram técnicas de manejo que contribuem para a diversificação biológica, fruto de um conhecimento gerado pela observação e experimentação. Nesse processo de coevolução, homem e natureza se transformam. Assim, destacam que é necessário voltar-se para as comunidades tradicionais na busca por soluções para a atual crise social e ecológica.

As sociedades tradicionais detêm um repertório de conhecimento ecológico que, em geral, é local, coletivo, diacrônico e holístico. Por possuírem uma longa história de prática no uso dos recursos, os povos tradicionais geraram sistemas cognitivos sobre os recursos naturais de seu próprio entorno que são transmitidos de geração para geração (Toledo e Bassol, 2015, p 92-93).

Compreendendo a importância do conhecimento gerado pelas comunidades tradicionais, constata-se a urgência de preservar esses saberes, e assim, aprender com eles. Desse modo, a etnociência é o campo da ciência que tem se debruçado sobre o preenchimento das lacunas da ciência moderna, e se dedica ao estudo para compreender a forma de interpretação do mundo por determinada cultura. A etnobiologia integra esse campo da etnociência, e segundo Diegues (2000, p.38) “a etnobiologia (...) tenta inferir de que modo os povos classificam seu ambiente físico e cultural. Ela pressupõe que cada povo possua um sistema único de perceber e organizar as coisas, os eventos e os comportamentos”.

Segundo Albuquerque et al. (2022), a etnobiologia refere-se ao estudo das inter-relações entre seres vivos e os fenômenos biológicos. O autor destaca que o campo é amplo e abrange áreas como a etnobotânica, etnoecologia, etnozootologia, entre outras, considerando fatores culturais e ambientais. Ressalta, ainda, que esses são campos da ciência

---

<sup>4</sup>Toledo e Bassol, A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais. Editora Expressão Popular, 2015.

de origem recente e que o pesquisador gera um conhecimento acerca do campo de estudo, um conhecimento etnobotânico, diferente dos saberes tradicionais que são fruto de uma construção histórica sociobiocultural.

### **2.3. Mata Atlântica: Desafios de Conservação e a Importância das Práticas Tradicionais**

A Mata Atlântica, que já correspondeu a 15% do território nacional, é composto pela união de vários ecossistemas, dessa forma, é berço de uma biodiversidade impressionante. Conforme o Instituto Brasileiro de Florestas (IBF), esse bioma abriga cerca de 20 mil espécies de plantas, das quais 8 mil são endêmicas, ou seja, ocorrem exclusivamente nessa região. Devido a importância ecológica o bioma Mata Atlântica é considerado importante hotspot de biodiversidade, abrigando uma enorme variedade de espécies de flora e fauna, muitas das quais ameaçadas de extinção.

Contudo, a Mata Atlântica enfrenta um sério problema de desmatamento. Desde o início da colonização, aproximadamente 90% da cobertura original foi destruída. Dados do Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica (2024), organizado pela Fundação SOS Mata Atlântica em parceria com o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), revelam que restam somente 8,5% da área florestal original do bioma Mata Atlântica, e o IBF descreve como a segunda floresta mais ameaçada de extinção do mundo. Este ritmo de destruição coloca em risco não apenas a biodiversidade, mas também os serviços ecossistêmicos essenciais que o bioma oferece, como a regulação do clima, a preservação dos recursos hídricos e a proteção contra desastres naturais.

Segundo o Instituto Socioambiental (Terras Indígenas do Brasil, s.d) “cerca de 70 povos indígenas em centenas de aldeias e mais de 370 comunidades quilombolas”, se encontram na Mata Atlântica, e destacam que cerca de 1.400 unidades de conservação (UCs) estão sobrepostas a essas comunidades, gerando conflitos por não considerarem as comunidades tradicionais como parte do meio em equilíbrio.

Nesse cenário, o papel das comunidades tradicionais e quilombolas na conservação da Mata Atlântica torna-se fundamental. Estas comunidades têm uma relação ancestral e simbiótica com a floresta, utilizando práticas sustentáveis de manejo dos recursos naturais que contribuem para a preservação da biodiversidade. Conforme destacado por Fiabani (2005), a interação respeitosa dessas comunidades com a natureza reflete um profundo conhecimento ecológico, transmitido de geração em geração, sendo um grande aliado para a manutenção dos ecossistemas.

As comunidades quilombolas, em particular, têm sido agentes importantes na conservação do bioma. De acordo com Pereira (2023), essas comunidades utilizam a floresta de maneira sustentável, praticando a agricultura de subsistência, a coleta de produtos não madeireiros e a preservação de áreas de florestas preservadas. Esse conhecimento tradicional é essencial para a proteção e a recuperação das áreas degradadas da Mata Atlântica, fornecendo modelos de desenvolvimento sustentável que podem ser replicados em outras regiões.

### 3. MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo buscou direcionamento na metodologia de revisão integrativa, que segundo Souza et al. (2010), possui estratégia metodológica ampla, compõe um instrumento da Prática Baseada em Evidências (PBE)<sup>5</sup> e envolve, a delimitação de uma questão, o diagnóstico de informações, a orientação da procura de estudos na literatura e sua análise crítica.

Dessa forma, a questão deste estudo se expressa na hipótese da diversidade dos saberes tradicionais e sua relevância para a conservação ambiental. Assim, este estudo se propõe a fazer uma sistematização dos materiais bibliográficos encontrados, com o intuito de compreender esses saberes e fomentar reflexões sobre o tema. Segundo Hurrell (apud Albuquerque, 2022), trabalhos descritivos são mais frequentes, necessitando-se de equilíbrio entre ações de prática e teoria.

“Trabalhos descritivos são abundantes, o que é bom. Dos trabalhos teóricos e metodológicos não podemos dizer o mesmo. A reflexão deve ter como objetivo não dissociar a teoria da prática, mas repensar a forma como os resultados dos trabalhos descritivos podem gerar inovações dos pontos de vista teórico e metodológico. A teoria orienta a prática, que reorienta a teoria que orienta a prática, e assim recursivamente. Um circuito evolutivo virtuoso (Hurrell apud Albuquerque, 2022; p. vii).”

#### 3.1. Seleção dos dados

Para a procura de dados disponíveis na literatura, realizou-se busca na plataforma Google Acadêmico, por artigos que continham uma listagem de espécies e usos citados por quilombolas da Mata Atlântica. Assim, uma pesquisa avançada foi realizada a fim de encontrar artigos que incluíam, em qualquer parte do texto, os termos, em português, “Quilombo” ou “Quilombola” e “Mata Atlântica” e “Etnobotânica” ou “Etnobotânico”, e no inglês, “Quilombo” or “Quilombola” and “Atlantic forest” and “Ethnobotany” or “Ethnobotanical”. As conjunções “ou” dão o sentido de opcional, assim pede-se artigos que contenham um dos dois termos, já a conjunção “e” pede-se a adição do termo na busca.

A pesquisa não teve período temporal pré-determinado, sendo incluído todos os artigos até o dia 08 de abril de 2024, data final da busca por resultados. Após a identificação dos artigos iniciou-se a etapa de seleção, um processo composto por análises que exclui ou mantém os artigos verificados. As análises se basearam no cumprimento aos critérios estabelecidos, na análise de duplicação de artigos similares e na análise de banco de dados repetido, referindo-se a estudos realizados em comunidades iguais. Para isso, artigos que consistiram em metodologia similar foram considerados com o mesmo banco de dados e artigos realizados nas mesmas comunidades, mas com diferenças metodológicas, como o número de entrevistados e o tempo e período de coleta em campo, foram mantidos.

---

<sup>5</sup>“(…) Prática Baseada em Evidências (PBE), cuja origem atrelou-se ao trabalho do epidemiologista Archie Cochrane”(Souza et al.,2010; Pt 1:102-6).

### 3.2. Composição do banco de dados

Para uma sistematização eficiente algumas etapas foram cumpridas usando o software Excel. A primeira etapa foi a construção de uma tabela com os dados dos artigos (ver apêndice A), onde foram organizadas as informações como nome do autor, título do trabalho, local e data de publicação, foco do estudo e DOI de publicação.

A segunda etapa foi a tabulação (ver apêndice B) das informações sobre as comunidades onde ocorreram os estudos, como nome, municípios e estados. Alguns estudos apresentaram a localização geográfica das comunidades quilombolas, mas devido à falta de informações sobre datum, as localizações geográficas foram pesquisadas na plataforma Google Maps, e foi criado o campo “coordenadas padronizadas”. O campo nome dos autores foi mantido para identificação e estudos que ocorreram em mais de uma comunidade tiveram esse campo replicado.

A terceira etapa foi a união de todas as espécies citadas nos artigos encontrados na literatura em uma única tabela. Nessa etapa, excluiu-se ervas, subarbustos, e lianas, e assim, considerando-se apenas arbóreas arbustivas e palmeiras. Para esta sistematização, oito possibilidades de usos foram consideradas a fim de contemplar a diversidade de usos descritos, assim, considerou-se os usos alimentício; medicinal; ritualístico; madeira beneficiada; artesanato; lenha e combustível; ornamental e outros.

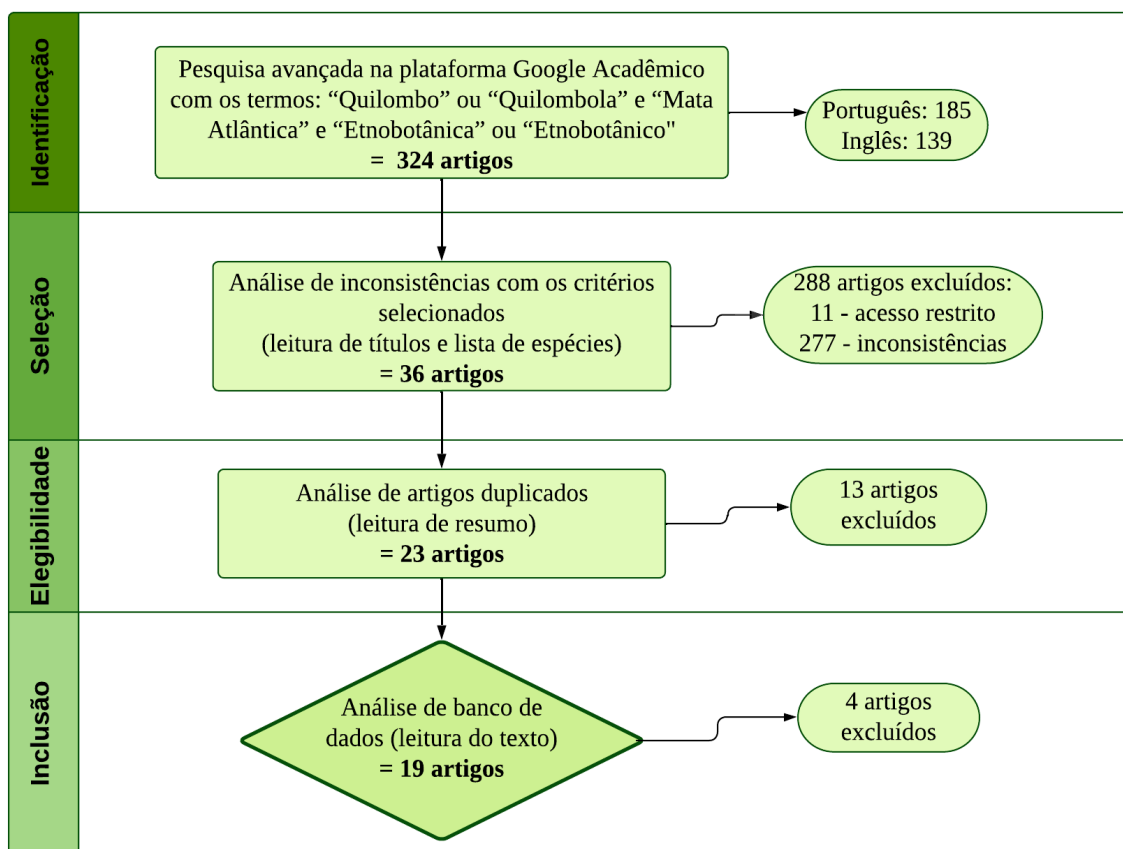
A quarta etapa consistiu na verificação dos nomes científicos válidos, onde foi aplicado filtro para ordenar a coluna “nomes científicos” em ordem alfabética a fim de agrupar espécies semelhantes, e realizada verificação dos nomes válidos das espécies, para isso utilizou-se o site “Flora e Funga do Brasil” do Programa REFLORA/CNPq. Após verificação aplicou-se novamente o filtro de ordem alfabética para agrupar nomes atualizados, com os dados tratados e atualizados, foi possível a realização das próximas etapas, nos quais ocorreram a sistematização de mais duas tabelas.

Para a primeira tabela excluiu-se as repetições e identificou-se por numeração indivíduos apresentados a nível de gênero. Sistematizou-se os usos e nomes populares citados em uma linha por espécie, dessa forma, 477 espécies foram listadas. Essa tabela consiste em 13 colunas, contendo os nomes das famílias; nomes científicos, nomes populares; às oito descrições de usos e observações. Os campos das categorias de uso foram preenchidos com “1” indicando a presença do uso ou “0”, indicando a ausência. Com essa listagem foi possível obter informações sobre o total de espécies citadas por categorias e para quantas categorias de uso cada espécie foi citada.

A última tabela construída refere-se a análise da frequência de citação de usos, ou seja, quantos estudos citaram a mesma espécie para determinada categoria de uso. A tabela foi composta por 163 colunas com os campos de identificação das espécies (famílias, nome científico, nome popular) e 8 categorias de usos para cada um dos 19 autores e, por fim, oito colunas contendo o somatório de citações por categoria de uso para cada espécie.

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

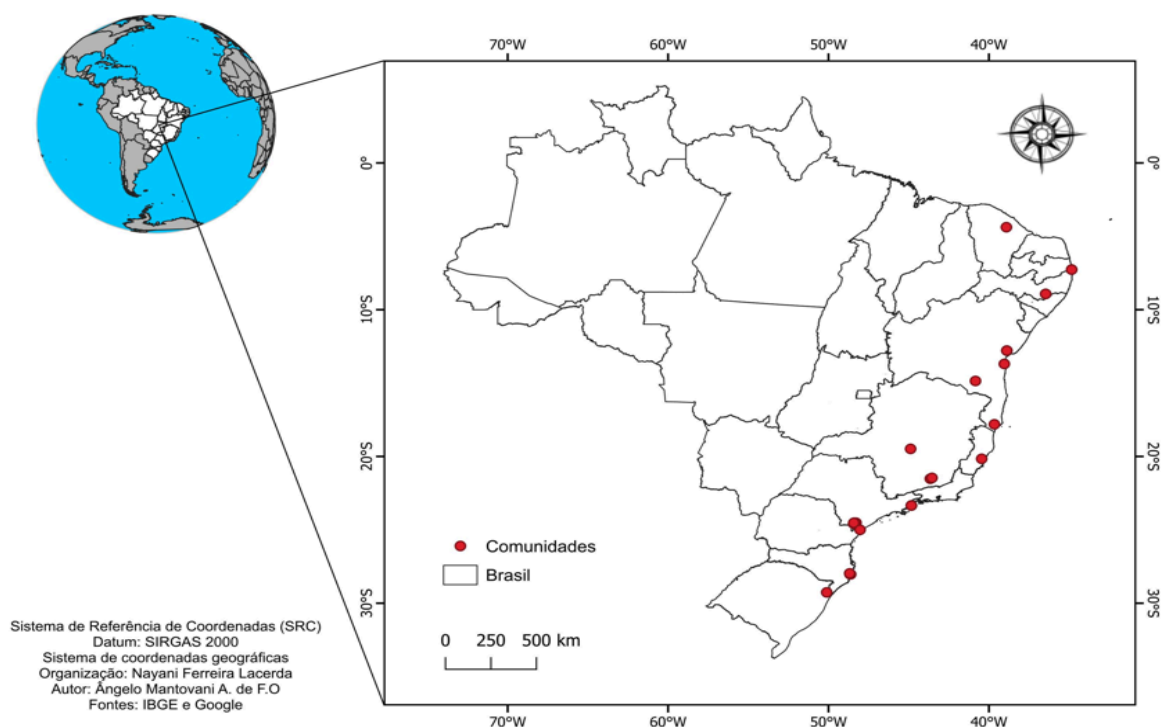
Com a sistematização da literatura 19 artigos foram encontrados como mostra o diagrama do processo de busca por fontes (ver figura 1), os estudos apresentaram interesses distintos sobre os usos de plantas e contém informações sobre usos e identificação, em forma de tabelas ou descrições, com nome científico e popular. Após sistematização destes artigos, foram tabuladas 801 indivíduos que após sistematização dos usos gerou a tabela C com 477 espécies de árvores, arbustos e palmeiras com nomes científicos atualizados (ver apêndice C). Nessa tabela também foi organizado os diversos nomes populares citados para a cada espécie, além das indicações de usos, demonstrando a diversidade do conhecimento das comunidades quilombolas na região de Mata Atlântica.



**Figura 1.** Diagrama do processo de busca por fontes. Fonte: elaborado pela autora (2024).

Com as coordenadas pesquisadas foi possível a elaboração de um mapa com a localização geográfica das comunidades quilombolas que participaram dos estudos que compuseram essa sistematização. Como é possível observar na figura abaixo (figura 2) as comunidades apresentaram ampla distribuição geográfica, com 15 comunidades quilombolas distintas distribuídas por dez estados brasileiros.

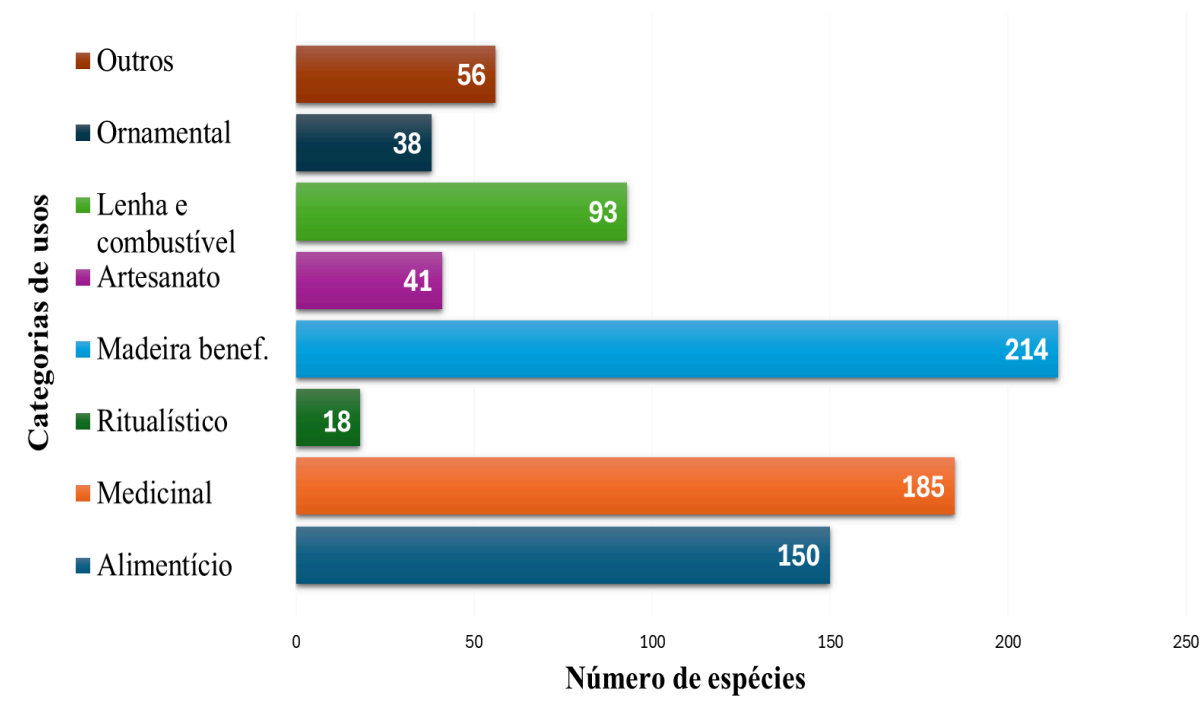




**Figura 2.** Localização geográfica das comunidades quilombolas na Mata Atlântica.

Ao considerar o interesse de cada estudo revisado, observou-se que há um grande interesse em plantas com indicações para uso medicinal, sendo que dos 19 estudos, 18 consideraram esse tipo de uso. Dentre esses, seis artigos se debruçaram somente no uso de plantas para esse fim, dois artigos focaram em duas categorias de usos (Medicinal e Alimentício; Medicinal e/ ou Ritualístico), e outros dois artigos abordaram os usos múltiplos de uma espécie, a *Euterpe edulis* Martius. e a *Attalea funifera* Mart., considerando-se também seu possível uso medicinal.

Apesar do grande interesse nas plantas com indicações para usos medicinais, ao sistematizar árvores, arbustos e palmeiras, observou-se que as indicações para uso de madeira beneficiada obtiveram o maior número de espécies (Figura 3), 214 espécies foram citadas para esse uso em construção de casas (estrutura e revestimento), canoas, cercas, móveis, cabos de ferramentas, pontes, utensílios e ferramentas como o pilão e o monjolo. A segunda categoria com maior número de espécies é a medicinal com 186, seguida pela categoria de espécies com usos alimentícios, com 150.



**Figura 3.** Número de espécies citadas para cada categoria de uso em comunidades Quilombolas na Mata Atlântica. Fonte: elaborado pela autora (2024).

Observa-se que nenhuma espécie foi alocada em todas as categorias de uso, sendo que quatro espécies se enquadraram no número máximo encontrado, 5 categorias de uso (Tabela 1). *Solanum pseudoquina* A. St.-Hil., foi citada nas categorias de usos alimentício, medicinal, artesanato, lenha e combustível, e outros. A *Schinus terebinthifolia* Raddi, foi citada para uso alimentício, medicinal, madeira beneficiada, lenha e combustível, e outros. *Ecclinusa ramiflora* Mart. foi citada para uso alimentício, madeira beneficiada, artesanato, lenha e combustível, e outros. Por fim *Talisia esculenta* (Cambess.) Radlk foi citada para usos alimentícios, medicinais, madeira beneficiada, lenha e combustível, e outros.

**Tabela 1.** Espécies citadas para cinco categorias de usos.

Nome científico	Família	Nome popular	Somatório de categorias de usos
<i>Solanum pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Solanaceae	Baúna	5
<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Anacardeaceae	Aroeira	5
<i>Ecclinusa ramiflora</i> Mart.	Sapotaceae	Guacúá; Guacá	5
<i>Talisia esculenta</i> (Cambess.) Radlk.	Sapindaceae	Pitomba	5

Somatório de categorias de usos = número de categorias de usos citadas. Fonte: elaborado pela autora (2024).

Se tratando de uma sistematização de arbóreas, arbustivas e palmeiras esperava-se a indicação do uso da madeira, como foi observado na figura 1. No entanto, ao observar as quatro espécies indicadas para as cinco categorias de usos, constata-se o uso da madeira, mas, as quatro espécies, também tiveram indicação para uso alimentício, demonstrando a versatilidade e importância das espécies. Outras 20 espécies foram citadas para quatro

categorias, dessas espécies, 19 citaram o uso da madeira na categoria “Madeira beneficiada” e/ ou “Lenha e combustível” e considerando esse grupo de 20 espécies, 15 foram citadas para uso alimentício. Cinquenta e três espécies foram citadas para três categorias de usos, 141 espécies citadas para duas categorias de uso e 257 espécies foram citadas para uma única categoria de uso.

Ademais, nas oito categorias de usos, ainda se observou a frequência de citação por autor, ou seja, quantos estudos registraram a mesma espécie para a mesma categoria de uso. Essa análise demonstra a consolidação desse tipo de uso para determinada espécie, mas é importante ressaltar que nem todas as espécies ocorrem em todas as comunidades, e nem todos os artigos avaliaram todas as categorias de uso. Desse modo, alguma espécie pode não ter sido citada por determinado autor por não estar dentro do interesse do estudo.

A partir dessas observações foi criado uma tabela (tabela 2) para melhor visualizar as espécies com maior número de citações de usos, podendo considerar essas como espécies de usos múltiplos. Dessa forma foi selecionado quatro espécies de cada categoria de uso, exceto a categoria “Outros”, optaram-se por manter quatro espécies por categoria a fim de exemplificar a diversidade de espécies, mesmo quando se registrou apenas uma citação de uso. Como esperado, a categoria com espécies mais citadas foi a de plantas para usos medicinais. Nove autores descreveram indicações de uso da espécie *Anacardium occidentale* L. com fins medicinais, as outras três espécies selecionadas nesta categoria foram citadas por oito autores. Na categoria alimentício, sete autores citaram a espécie *Citrus sinensis* (L.) Osbeck, seis descreveram o uso alimentício da *Anacardium occidentale* L. e da *Persea americana* Mill., e cinco trabalhos listaram a *Annona muricata* L. nesta categoria de uso.

**Tabela 2.** Relação de espécies por categoria de uso e a frequência de citação.

Categoria de uso	Família	Nome científico	Nome popular	Frq. de citações
Alimentício	Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja	7
	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro/ Cajueiro branco/ cajueiro vermelho/ Cajueiro roxo	6
	Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	6
	Annonaceae	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	5
Medicinal	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro/ Cajueiro branco/ cajueiro vermelho/ Cajueiro roxo	9
	Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	8
	Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	8

	Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba/ Goiabeira/ Goiabinha do campo/ goiaba-branca	8
Ritualístico	Euphorbiaceae	<i>Jatropha</i> <i>gossypifolia</i> L.	Pinhão-roxo	2
	Salicaceae	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Erva lagarto/ Sapucainha/ taguririba	1
	Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Cedro/ cedro-rosa/ Cedro-branco	1
	Phytolacaceae	<i>Gallesia</i> <i>integrifolia</i> (Spreng.) Harms	Pau-d'alho	1
Madeira Beneficiada	Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Cedro/ cedro-rosa/ Cedro-branco	4
	Arecaceae	<i>Euterpe edulis</i> <sup>6</sup> Mart.	Palmeira Juçara/ Juçara/ Palmeira	3
	Melastomataceae	<i>Miconia</i> <i>cinnamomifolia</i> (DC.) Naudin	jacatirão/ Murici	3
	Fabaceae	<i>Mimosa</i> <i>caesalpiniifolia</i> Benth.	Sabiá	3
Artesanato	Arecaceae	<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Palmeira Juçara/ Juçara/ Palmeira	2
	Arecaceae	<i>Astrocaryum</i> <i>aculeatissimum</i> (Schott) Burret	coco-preto ou coco-bejaúva/ Brejaúba/ eri	1
	Euphorbiaceae	<i>Actinostemon</i> <i>verticillatus</i> (Klotzsch) Baill.	sucanga	1
	Sapindaceae	<i>Cupania</i> <i>emarginata</i> Cambess.	Camboatã	1

<sup>6</sup>Devido o uso da espécie para fins de construção e fabricação de utensílios, a palmeira foi descrita na categoria “madeira beneficiada” apesar de estipes de palmeiras não serem formadoras de madeira.

Lenha e combustível	Lamiaceae	<i>Aegiphila integrifolia</i> (Jacq.) Moldenke	Papagaio/ cajuja, maria-mole	2
	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Cajueiro/ Cajueiro branco/ cajueiro vermelho/ Cajueiro roxo	2
	Malpighiaceae	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth	Murici	2
	Asteraceae	<i>Eremanthus erythropappus</i> (DC.) MacLeish	Candeeiro/ Candeia	2
Ornamental	Verbenaceae	<i>Duranta erecta</i> L.	Pingo-de-ouro	3
	Euphorbiaceae	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A.Juss.	Pingo-de-ouro/ Cróton	2
	Arecaceae	<i>Dypsis lutescens</i> (H.Wendl.) Beentje & J.Dransf	Palmeirinha/ Palmeira	2
	Rubiaceae	<i>Ixora coccinea</i> L.	Flor-vermelha	2

Frq. de citações = Número de autores que citaram a espécie para esta categoria de uso.  
 Fonte: elaborado pela autora (2024).

Ressalta-se que a diversidade de usos que a categoria “outros” obteve, apesar de não ser o foco de nenhum trabalho, alguns autores registraram usos como extração de óleo, essência para sabonete, xampu, sabão, conservas, tintura, uso veterinário, atração de aves, sombra, travesseiro, forragem, papel-higiênico e adubo. Juntamente com as outras categorias de usos, é possível vislumbrar a diversidade da floresta, e compreender o seu potencial, que em coevolução mútua, possibilitou a autonomia dos povos da floresta.

Esses resultados mostram que as florestas são fonte de sustento, cura e abrigo, e evidenciam a diversidade dos usos por comunidades quilombolas na Mata Atlântica. Comunidades que formaram a base campesina no Brasil colônia e que até os dias atuais lutam por respeito e reconhecimento de sua cultura e saberes. Essa maneira de produção integrativa construída ao longo da história através do vínculo de respeito com a natureza e aos ciclos naturais, possibilitou meios para uma manejo sustentável. Segundo Altieri (2004), os agricultores tradicionais preservam áreas naturais, como as florestas, pois compreendem a diversidade e as possibilidades de produtos gerados por esses ecossistemas naturais. Conforme Oviedo e Doblas (2022) dos 40,5% de florestas protegidas no território brasileiro, pelo sistema nacional de áreas protegidas, 30,5% são áreas protegidas com presença de povos tradicionais.

Toledo e Bassols (2015) destacam que devido à elevada conservação, territórios de comunidades tradicionais estão sendo comumente destinados à criação de Unidades de Conservação (UCs) e, em muitos casos, gerando conflitos entre o modo de manejo tradicional das comunidades e os modelos de UCs. Mas segundo Diegues (2000), a formação das

florestas e ecossistemas contemporâneos pode ser considerada o resultado de uma coevolução da sociedade e natureza. O autor considera que os saberes tradicionais podem contribuir na preservação dos ecossistemas, visto que esses saberes são fruto dessa evolução em conjunto. E destaca que, ao considerar a importância da contribuição do manejo praticado por comunidades tradicionais na conservação da biodiversidade, é fundamental o resgate das técnicas de manejo tradicionais que ainda são praticadas por essas comunidades. São práticas que deveriam ser consideradas na busca por conciliar produção sustentável e conservação.

Conforme Altieri (2004), o conhecimento das pessoas de uma comunidade sobre o ecossistema que vive se mostra diverso e complexo, e a integralidade com o meio pode permitir a compreensão dos ciclos, e assim, a construção de um manejo que se sustenta através das gerações. Pinheiro (2021, p.119) define que “sustentável significa usar métodos, sistemas e materiais que não esgotam recursos ou danificam ciclos naturais”. Portanto pode-se compreender que o conhecimento descrito nos usos de plantas é fruto do manejo sustentável que se construiu através da história, integralidade e respeito entre sociedade e natureza. E para Lef (2002) e Altieri (2004) atualmente a agroecologia é o modelo de produção inspirado nas práticas ancestrais e se mostra como modelo agrícola alternativo ao convencional, “Os saberes agroecológicos são uma constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população”.(Lef, 2002; p. 37).

## 5. CONCLUSÃO

Os resultados encontrados, confirma a tese da diversidade dos saberes das comunidades quilombolas, o que permite inúmeros desdobramentos, como: conhecer a quantidade de espécies nativas e exóticas; a relação da comunidade com as espécies mais citadas; o comportamento das espécies mais citadas; influência da cobertura florestal na riqueza das espécies encontradas; entre outras diversas possibilidades. Mas, de modo geral, evidenciou-se a importância das florestas para as comunidades tradicionais, grupos que são diretamente influenciados pela inter-relação sustentável entre homem e natureza. Este estudo demonstrou uma breve análise do contexto histórico das comunidades remanescentes quilombolas e, assim, a constatação da simbiose entre quilombolas e natureza.

Observa-se que as práticas e saberes tradicionais revelam um vasto repertório de conhecimentos que podem oferecer soluções valiosas para os desafios ambientais atuais. Desse modo, entende-se a necessidade do reconhecimento dos saberes tradicionais, o respeito à sua cultura e seu território. A luta das comunidades tradicionais por direitos destaca a importância de reconhecer e apoiar a contribuição dessas comunidades para a preservação ambiental e a justiça social. Com isso, é importante a integração desses conhecimentos no planejamento de políticas públicas para que se possa pensar em maneiras de construir um modelo de conservação e de agricultura próprios da cultura brasileira. Com tudo, este levantamento não só valoriza o conhecimento tradicional, mas também reforça a necessidade de políticas de conservação que integrem as comunidades locais como parceiros essenciais na proteção da biodiversidade.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTIERE, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: 4.ed UFRGS, 2004.
- ALBUQUERQUE, U. P. de A., et al. **Introdução à etnobotânica**. Interciência, Rio de Janeiro., 3.ed Interciência. 2022.
- AVILA, JV da C., et al. **O conhecimento tradicional dos quilombolas sobre plantas: a urbanização importa?** *Ethnobotany Research and Applications*, 14 , 453–462., 2015.
- BARROSO, M. R.; REIS, A., HANAZAKI, N., **Etnoecologia e etnobotânica da palmeira juçara (*Euterpe edulis Martius*) em comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo**. *Acta Botanica Brasilica*, [s.l.], v. 29, n. 3, p. 299-312, jul./set. 2010.
- BRASIL. **Ministério do Meio Ambiente. Mata Atlântica**. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas/ecossistemas/biomas/mata-atlantica>. Acesso em: 24 jul. 2024.
- BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: [https://www.mds.gov.br/webarquivos/legislacao/seguranca\\_alimentar/\\_doc/leis/1988/Lei%20-%20Os%20Quilombolas%20na%20Constituicao%20Federal%20de%201988.pdf](https://www.mds.gov.br/webarquivos/legislacao/seguranca_alimentar/_doc/leis/1988/Lei%20-%20Os%20Quilombolas%20na%20Constituicao%20Federal%20de%201988.pdf). Acesso em 13 jul. 2024.
- BELTRESCHI, L., de Lima, RB & da Cruz, DD. **Conhecimento botânico tradicional de plantas medicinais em uma comunidade “ quilombola ” na Mata Atlântica do nordeste do Brasil**. *Environ Dev Sustain* 21 , 1185–1203. 2019.
- CRUZ, M. P., NUNES, A. T., OLIVEIRA, A. F. M., CAVALCANTI., **Multifunctional plants used in the diet of Quilombolas in the Castainho Community (Garanhuns, Pernambuco)**. *Ethnobotany Research and Applications*, 24, 1–12. 2022.
- CONDE B. E, et al. **Local ecological knowledge and its relationship with biodiversity conservation among two *Quilombola* groups living in the Atlantic Rainforest, Brazil**. *PLoS ONE* 12(11). 2017.
- CREPALDI, M.O.S, Peixoto, AL., **Uso e conhecimento de plantas por “ Quilombolas ” como subsídios para esforços de conservação em uma área de Mata Atlântica no Estado do Espírito Santo, Brasil**. *Biodivers Conserv* 19 , 37–60. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10531-009-9700-9>
- DIEGUES, A. C. (Org ). **Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil**. [S. l.: s. n.], 2000. Disponível em: <http://livroaberto.ibict.br/handle/1/750>. Acesso em: 16 jul. 2024.
- FIABANI, A. **Mato, palhoça e pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades**

**remanescentes (1532-2004).** 1. ed. SP: Editora Expressão Popular, 2005.

FAUST, F. C. de A.; MARQUES, S. M. dos S. **Vidas negras, história e natureza: Nota biográfica das matriarcas da comunidade quilombola Adelaide Maria da Trindade Batista - Palmas - PR.** Revista Trama Interdisciplinar, v. 10, n. 2, p. 181 - 201, 2020.

FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA; INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS (INPE). **Atlas dos Remanescentes Florestais da Mata Atlântica – Período 2022-2023: Relatório Técnico.** São Paulo: SOS Mata Atlântica; INPE, 2023.

GOMES, F. dos S. **Mocambos e quilombos: Uma história do campesinato negro no Brasil.** SP: Editora Companhia das Letras, 2015.

GONÇALVES, MC, da Silva, FR, Cantelli, D., dos Santos, MR, Aguiar, PV, Pereira, ES, & Hanazaki, N. (2022). **Agricultura tradicional e soberania alimentar: conhecimento quilombola e manejo de culturas alimentares.** Journal of Ethnobiology , 42 (2), 241-260., 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FLORESTAS. **Bioma Mata Atlântica.** Disponível em: <https://www.ibflorestas.org.br/bioma-mata-atlantica#:~:text=A%20Mata%20Atl%C3%A2ntica%20apresenta%20uma,no%20territ%C3%B3rio%20da%20Mata%20Atl%C3%A2ntica>. Acesso em: 24 jul. 2024.

LEFF, E., **Agroecologia e saber ambiental.** Agroecol. e Desenv. Rur. Sustent., Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar. 2002.

LISBOA, M. S. et al. **Estudo Etnobotânico em Comunidade Quilombola Salamina/ Putumujú em Maragogipe, Bahia.** Revista Fitos, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 48-61, set. 2017.

SANTOS, J. A., SILVEIRA, A. P.; GOMES, V. S., **Knowledge and Use of the Flora in a Quilombola Community of Northeastern Brazil.** Conservation of Nature • Floresta Ambient. 26 (3) . 2019.

SOUSA, F. S.M., **Estudo do conhecimento etnobotânico sobre a piaçaba (Attalea Fuera Mart.) No Quilombo Jatimane, Nilo Peçanha-BA.** Entheoria: Cadernos De Letras E Humanas, 1., 2015.

SOUZA, M. T. G.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** Einstein - SP, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

MOTA, R. S.; DIAS, H. M., **Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil.** Interações, Campo Grande, 13 (2) • Dez 2012.

NUNES, A. T. & Lima, R. S. de. **Conhecimento etnobotânico no quilombo do Castainho, Garanhuns – Pernambuco.** Diversitas Journal, 8(2), 2843–2680., 2023.

OLIVEIRA, L. R. **Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.** Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável, v. 3, pág. 25–31, 2015. DOI: 10.18378/rvads.v10i3.3408.



PINHEIRO, S. **Biopoder camponês: território, questão agrária, agroecologia, espiritualidade e a nutrição ultrassocial**. Gráfica da UFRGS, 2021.

PEREIRA, G. R. **Ruralidades quilombola e a constituição das condições de habitabilidade nas paisagens multiespécies do extremo norte do Espírito Santo, Brasil**. Estudos Sociedade e Agricultura, v.31, n.2, 2023.

RODRIGUES, E., et al. **Etnobotânica participativa e conservação: um estudo de caso metodológico conduzido com comunidades quilombolas na Mata Atlântica do Brasil**. J Ethnobiology Ethnomedicine 16, n.2 .2020.

ROCHA, FV, de Lima, RB, & da Cruz, DD. **Prioridades de conservação para espécies lenhosas utilizadas por uma comunidade quilombola na costa do nordeste do Brasil**. Journal of Ethnobiology , 39 (1), 158-179. 2019.

SAUINI, T., et al. **Participatory ethnobotany: comparison between two quilombos in the Atlantic Forest, Ubatuba, São Paulo, Brazil**. PeerJ, 7 nov. 2023.

SANTANA, B. F, VOEKS, R. A., FUNCH., **Quilombola Ethnomedicine: The Role of Age, Gender, and Culture Change**. Acta Bot. Bras. 36. 2022.

TOLEDO, V. M.; BARRERA-BASSOLS, N. **A memória biocultural: a importância ecológica das sabedorias tradicionais**. Editora Expressão Popular, 2015.

TERRAS INDÍGENAS. **Legislação que protege a Mata Atlântica prejudica comunidades tradicionais**.Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/noticia/65490>. Acesso em: 24 jul. 2024.

VALERIANO, F. R., et al. **Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola do Veloso, povoado de Pitangui – MG / Use of medicinal plants in the Quilombola do Veloso community, belonging to the municipality of Pitangui – MG**. Brazilian Journal of Development, 6(12), 100701–100718. 2020.

YAZBEK, PB., et al. **Plantas utilizadas como medicamentos pelos moradores do Quilombo da Fazenda, Núcleo Picinguaba, Ubatuba, São Paulo, Brasil: uma pesquisa participativa**. Diversitas Journal, v. 8, n. 2, p. 1-20, jul. 2019.

## APÊNDICE A - ARTIGOS SISTEMATIZADOS

**Tabela A.** Identificação dos artigos sistematizados.

<b>Autores</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Foco do trabalho</b>	<b>Local</b>	<b>DOI</b>
Sauini et al.	Participatory ethnobotany: comparison between two quilombos in the Atlantic Forest, Ubatuba, São Paulo, Brazil	2023	Usos variados	Revista	<a href="https://doi.org/10.7717/peerj.16231">https://doi.org/10.7717/peerj.16231</a>
Nunes e Lima	Conhecimento etnobotânico no quilombo do Castainho, Garanhuns – Pernambuco	2023	Usos variados	Revista	<a href="https://doi.org/10.48017/dj.v8i2.2556">https://doi.org/10.48017/dj.v8i2.2556</a>
Gonçalves et al.	Traditional Agriculture and Food Sovereignty: Quilombola Knowledge and Management of Food Crops	2022	Uso alimentício	Revista	<a href="https://doi.org/10.2993/0278-0771-42.2.241">https://doi.org/10.2993/0278-0771-42.2.241</a>
Cruz et al.	Multifunctional plants used by Quilombolas in the Castainho Community (Garanhuns, Pernambuco, Brazil)	2022	Uso alimentício e medicinais	Revista	<a href="http://dx.doi.org/10.32859/era.24.13.-12">http://dx.doi.org/10.32859/era.24.13.-12</a>
Santana et al.	Quilombola ethnomedicine: The role of age, gender, and culture change	2022	Uso medicinais	Revista	<a href="https://doi.org/10.1590/0102-33062020abb0500">https://doi.org/10.1590/0102-33062020abb0500</a>
Rodrigues et al.	Participatory ethnobotany and conservation: a methodological case study conducted with quilombola communities in Brazil's Atlantic Forest	2020	Usos variados	Revista	<a href="https://link.springer.com/article/10.1186/s13002-019-0352-x">https://link.springer.com/article/10.1186/s13002-019-0352-x</a>
Valeriano et al.	Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola do Veloso, povoado de Pitangui – MG	2020	Uso medicinais	Revista	DOI:10.34117/bjdv6n12-529
Santos et al.	Knowledge and Use of the Flora in a Quilombola Community of Northeastern Brazil	2019	Usos variados	Revista	<a href="https://doi.org/10.1590/02179-8087.093217">https://doi.org/10.1590/02179-8087.093217</a>

Yazbeka et al.	Plants utilized as medicines by residents of Quilombo da Fazenda, Núcleo Picinguaba, Ubatuba, São Paulo, Brazil: A participatory survey	2019	Uso medicinais	Revista	<a href="https://doi.org/10.1016/j.jep.2019.112123">https://doi.org/10.1016/j.jep.2019.112123</a>
Rocha et al.	Conservation Priorities for Woody Species Used by a Quilombo Community on the Coast of Northeastern Brazil	2019	Usos variados	Revista	<a href="https://doi.org/10.2993/0278-0771-39.1.158">https://doi.org/10.2993/0278-0771-39.1.158</a>
Beltreschi et al.	Traditional botanical knowledge of medicinal plants in a “quilombola” community in the Atlantic Forest of northeastern Brazil	2019	Uso medicinais	Revista	<a href="https://doi.org/10.1007/s10668-017-0079-6">https://doi.org/10.1007/s10668-017-0079-6</a>
Conde et al.	Local ecological knowledge and its relationship with biodiversity conservation among two Quilombola groups living in the Atlantic Rainforest, Brazil	2017	Usos variados	Revista	<a href="https://doi.org/10.1371/journal.pone.0187599">https://doi.org/10.1371/journal.pone.0187599</a>
Lisboa et al.	Estudo etnobotânico em comunidade quilombola Salamina/Putumujú em Maragogipe, Bahia	2017	Usos medicinais e/ou ritualísticos	Revista	<a href="https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/21119">https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/21119</a>
Ávila et al.	The Traditional Knowledge of Quilombola About Plants: Does urbanization matter?	2015	Usos variados	Revista	<a href="http://dx.doi.org/10.17348/era.14.0.453-462">http://dx.doi.org/10.17348/era.14.0.453-462</a>
Oliveira	Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil	2015	Uso medicinais	Revista	<a href="http://dx.doi.org/10.18378/rvads.v10i3.3408">http://dx.doi.org/10.18378/rvads.v10i3.3408</a>
Sousa e Oliveira	Estudo do conhecimento etnobotânico sobre a piaçaba ( <i>Attalea funifera</i> Mart.) no quilombo Jatimane, Nilo Paçanha - BA	2015	<i>Attalea funifera</i> Mart.	Revista	<a href="https://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/403">https://www.journals.ufrpe.br/index.php/entheoria/article/view/403</a>
Motta e Dias	Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil	2012	Uso medicinais	Revista	<a href="https://doi.org/10.1590/S1518-701220120002000002">https://doi.org/10.1590/S1518-701220120002000002</a>

Barroso et al.	Etnoecologia e etnobotânica da palmeira juçara ( <i>Euterpe edulis</i> Martius) em comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, São Paulo	2010	<i>Euterpe edulis</i> Martius	Revista	<a href="https://doi.org/10.1590/S0102-33062010000200022">https://doi.org/10.1590/S0102-33062010000200022</a>
Crepaldi e Peixoto	Use and knowledge of plants by “Quilombolas” as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil	2009	Usos variados	Revista	<a href="https://doi.org/10.1007/s10531-009-9700-9">https://doi.org/10.1007/s10531-009-9700-9</a>

Autores = autores dos artigos; Título = título dos artigos selecionados; Ano = ano de publicação ; Foco do trabalho = interesse do artigo; Local = local de publicação; DOI = código de identificação da publicação (códigos que não corresponderam foram substituídos pelo link de acesso). Fonte: elaborado pela autora (2024).

## APÊNDICE B - DADOS DAS COORDENADAS GEOGRÁFICAS

**Tabela B.** Relação das comunidades participantes dos estudos sistematizados com localizações padronizadas (WGS84).

Autores	Ano	Município	Comunidade	UF	Coordenadas padronizadas
Sauini et al.	2023	Ubatuba	Quilombo do Cambury e Quilombo da Fazenda	SP	-23.340827254786372 -44.838023635582324
Nunes e Lima	2023	Garanhuns	Quilombo castainho	PE	-8.923396116862724 -36.46800845767005
Gonçalves et al.	2022	Praia grande e Mampituba	Comunidade Quilombola São Roque	SC/RS	-29.258539404095195 -50.11559781179377
Cruz et al.	2022	Garanhuns	Quilombo Castainho	PE	-8.923396116862724 -36.46800845767005
Santana et al.	2022	Maragogipe (Recôncavo da Bahia)	Quilombo Salaminas Putumujú	BA	-12.7849170078193 -38.88958057086668
Rodrigues et al.	2020	Ubatuba	Quilombo da Fazenda e Quilombo do Cambury	SP	-23.340827254786372 -44.838023635582324
Valeriano et al.	2020	Pitangui	Quilombo do Veloso	MG	-19.481286905801483 -44.887379408099925

Santos et al.	2019	Baturité	Comunidade Quilombola Serra do Evaristo	CE	-4.377581893133771 -38.91739772883502
Yazbeka et al.	2019	Ubatuba	Quilombo da Fazenda	SP	-23.340827254786372 -44.838023635582324
Rocha et al.	2019	Conde	Quilombo Ipiranga	PB	-7.265886110417775 -34.847937
Beltreschi et al.	2019	Conde	Quilombo Ipiranga	PB	-7.265886110417775 -34.847937
Conde et al.	2017	Santos Dumont	Quilombo São Sebastião da Boa Vista	MG	-21.51542476943373 -43.6589206923956
Conde et al.	2017	Santos Dumont	Quilombo São Bento	MG	-21.45743821660258 -43.55331760192424
Lisboa et al.	2017	Maragogipe	Quilombo Salaminas Putumujú	BA	-12.7849170078193 -38.88958057086668
Ávila et al.	2015	Garopaba	Quilombo Morro do Fortunato	SC	-28.022377995354915 -48.66430638025096
Ávila et al.	2015	Garopaba	Quilombo Aldeia	SC	-28.027658592758183 -48.6218422745637
Ávila et al.	2015	Paulo Lopes	Quilombo Santa Cruz	SC	-27.964051617450256 -48.68325902361207
Oliveira	2015	Vitória da Conquista	Quilombo Furadinho	BA	-14.853877469324829 -40.84264720298342
Sousa e Oliveira	2015	Nilo Peçanha	Comunidade Quilombola do Jatimane	BA	-13.693009670830586 -39.04530732811388
Motta e Dias	2012	Nova Viçosa	Distrito: Helvécia (antiga fazenda com trabalho escravizado)	BA	-17.808194981567286 -39.66347129313088
Barroso et al.	2010	Eldorado	Quilombo Ivaporunduva	SP	-24.563200369873783 -48.39067046354033
Barroso et al.	2010	Eldorado	Quilombo Sapatu	SP	-24.60101718378714 -48.358193120240294
Barroso et al.	2010	Eldorado	Quilombo Nhunguara	SP	-24.578465693214344 -48.439836509454686
Barroso et al.	2010	Eldorado	Quilombo Pedro Cubas	SP	-24.51298685294187 -48.29014442529815
Barroso et al.	2010	Eldorado	Quilombo São Pedro	SP	-24.510932486288144 -48.40374782135336

Barroso et al.	2010	Eldorado	Quilombo Galvão	SP	-24.524440836088033 -48.430609710589216
Barroso et al.	2010	Cananéia	Quilombo do Mandira	SP	-24.995581502412737 -48.03534929325324
Crepaldi e Peixoto	2009	Santa Leopoldina	Quilombo Cachoeira do Retiro	ES	-20.15703264644241 -40.45787064362286

Autores = autores dos artigos; Ano = ano de publicação; Município = distrito da comunidade ; Comunidade = nome da comunidade remanescente de quilombo; UF = união federativa da comunidade ; Coordenadas padronizadas = coordenadas encontradas na plataforma Google Maps. Fonte: elaborado pela autora (2024).

### APÊNDICE C - LISTA DE ESPÉCIES E CATEGORIAS DE USOS

**Tabela C.** Listas de espécies arbóreas, arbustivas e palmeiras citadas por quilombolas da Mata Atlântica e as categorias de usos citadas.

Família	Nome Cient	Nome Pop	A	M	R	MB	Art	L	O	O t s
<b>Adoxaceae</b>	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Sabugueiro	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Sambucus nigra</i> L.	sabugueiro	—	1	—	—	—	—	—	—
<b>Anacardiaceae</b>	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	1	1	0	0	0	1	0	1
	<i>Astronium urundeuva</i> (M.Allenão) Engl.	Aroeira	0	1	0	1	0	0	0	0
	<i>Mangifera indica</i> L.	Mangueira/ Manga/ Manga-espada	1	1	0	0	0	1	0	1
	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Aroeira	1	1	0	1	0	1	0	1
	<i>Spondias dulcis</i> Parkinson	Cajá	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Spondias purpurea</i> L.	Siriguela	1	1	0	0	0	1	0	1
	<i>Spondias</i> sp. 1	Umbú	1	0	0	0	0	0	0	0

<b>Annonaceae</b>	<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	Umbu	1	0	0	0	0	0	0	1
	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Cupiúba	1	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Annona acutiflora</i> Mart.	Araticum-pitaia	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Annona atemoya</i> Mabb	Jaca-de-pobre ou Mololô	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Annona cherimola</i> Mill.	Atemoia	1	0	0	0	0	0	0	1
	<i>Annona dolabripetala</i> Raddi	São-Roque, araticum/Pindai, ba-banana	1	0	0	1	1	0	0	0
	<i>Annona montana</i> Macfad.	graviola	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Annona mucosa</i> Jacq.	condessa	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	1	1	0	0	0	0	0	1
	<i>Annona salzmannii</i> A.DC.	Jaca do Mato	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Annona</i> sp. 1	Apa-de-lima ou Fruta-do-conde	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Annona squamosa</i> L.	Ateira/Pinha	1	1	0	0	0	0	0	1
	<i>Annona sylvatica</i> A.St.-Hil.	Articum	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Guatteria australis</i> A.St.-Hil.	astro-de-fisga	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Guatteria pogonopus</i> Mart.	Pindai, ba-preta	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Guatteria schomburgkiana</i> Mart.	Imbira preta	0	0	0	1	0	0	0	0

	<i>Guatteria villosissima</i> A. St.-Hil.	Pindaíba	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Xylopia brasiliensis</i> Spreng.	canafista/ Pau andorinha	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Xylopia sericea</i> A. St.-Hil.	Pindaíba-branca/ Andorinha	0	0	0	1	0	0	0	0
<b>Apocynaceae</b>	<i>Allamanda cathartica</i> L.	Mate/ Cacho-de-ouro	1	0	0	0	0	0	1	0
	<i>Geissospermum laeve</i> (Vell.) Miers	Pau-pereira	0	1	0	1	0	0	0	0
	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangaba	1	1	0	0	0	1	0	0
	<i>Himatanthus obovatus</i> (Müll. Arg.) Woodson	Leiteiro/ Pau-de-leite	0	1	0	1	0	1	0	0
	<i>Macoubea guianensis</i> Aubl.	Trapiá	1	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Malouetia cestroides</i> (Nees ex Mart.) Müll. Arg.	guairana	0	0	0	1	1	0	0	0
	<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira	0	0	0	0	0	0	1	0
	<i>Plumeria rubra</i> L.	Jasmim-de-São-José	0	0	0	0	0	0	1	0
	<i>Tabernaemontana laeta</i> Mart.	guaraná	0	1	0	0	1	0	0	0
<b>Araliaceae</b>	<i>Didymopanax angustissimus</i> Marchal	imbirotó	0	0	0	1	1	0	0	0
<b>Araucariaceae</b>	<i>Araucaria angustifolia</i> (Bertol.) Kuntze	Pinhão/ Pinheiro	1	0	0	1	0	0	0	0
<b>Areaceae</b>	<i>Allagoptera caudescens</i> (Mart.) Kuntze	Buri/ Palmito-amargoso	1	1	0	1	0	0	0	0
	<i>Astrocaryum aculeatissimum</i> (Schott) Burret	Brejaúba/eri/ brejaúba, coco-preto ou	1	0	0	1	1	0	0	0



	coco-bejaú va								
<i>Attalea dubia</i> (Mart.) Burret	Indaiá	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Attalea funifera</i> Mart.	piassava, piaçaba	0	0	0	0	1	0	0	1
<i>Attalea humilis</i> Mart.	Jucara/pind oba	1	0	0	1	0	0	0	0
<i>Bactris gasipaes</i> Kunth	pupunha	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Bactris</i> sp. 1	coco-mirim	1	0	0	0	1	0	0	0
<i>Bactris</i> sp. 2	Tucum	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Butia</i> <i>catarinensis</i> Noblick & Lorenzi	Butiá	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro/ Coco/ Coco-anã	1	1	0	1	1	0	0	0
<i>Dypsis lutescens</i> (H.Wendl.) Beentje & J.Dransf	Palmeira/ Palmeirinh a	0	0	0	0	0	0	1	0
<i>Elaeis</i> <i>guineensis</i> Jacq.	Dendê, Dendezeiro	1	0	0	1	0	0	0	0
<i>Euterpe edulis</i> Mart.	Juçara/ Palmeira/ Palmeira Juçara	1	1	0	1	1	0	0	0
<i>Euterpe</i> <i>oleracea</i> Mart.	Açaí	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Geonoma</i> <i>elegans</i> Mart.	guaricanga	1	0	0	1	0	0	0	0
<i>Geonoma</i> <i>schottiana</i> Mart.	Aricanga	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Geonoma</i> sp. 1	urecanga	1	0	0	1	1	0	0	0
<i>Phoenix</i> <i>roebelenii</i> O'Brien	Palmeirinh a	0	0	0	0	0	0	1	0
<i>Syagrus comosa</i> (Mart.) Mart.	Coco catolé	1	0	0	0	1	0	0	0

<b>Asparagaceae</b>	<i>Syagrus coronata</i> (Martius) Beccari	Licuri ou Nicuri	–	1	–	–	–	–	–	–
	<i>Syagrus pseudococos</i> (Raddi) Glassman	patieiro	1	0	0	1	1	0	0	0
	<i>Dracaena reflexa</i> var. <i>angustifolia</i> Baker	–	0	0	0	0	0	0	1	0
<b>Asteraceae</b>	<i>Trixis nobilis</i> (Vell.) Katinas	Rabo-de-ra-posa	–	1	–	–	–	–	–	–
	<i>Dasyphyllum brasiliense</i> (Spreng.) Cabrera	Camará de espinhos	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Eremanthus erythropappus</i> (DC.) MacLeish	Candeia/ Candeeiro	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch. Bip. ex Walp.	Alumã/ Arrumã/ Alcachofra/ boldo-sem-pelo	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Lychnophora ericoides</i> Mart.	Arnica	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Montanoa bipinnatifida</i> (Kunth) K.Koch	flor-de-mai-o	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Moquiniastrum polymorphum</i> (Less.) G. Sancho	Camará/ Candeia	0	1	0	1	0	0	0	0
	<i>Piptocarpha axillaris</i> (Less.) Baker	Branda fogo	0	0	1	1	0	0	0	0
	<i>Vernonanthura beyrichii</i> (Less.) H.Rob.	cambará-pr-eto ou cambará-pr-eto	–	1	–	–	–	–	–	–
	<i>Vernonanthura polyanthes</i> (Sprengel) Vega & Dematteis	Assa-peixe -branco/ Assa-peixe	1	1	0	0	0	0	0	0

	<i>Vernonnanthura brasiliiana</i> (L.) H.Rob.	Assa-péixe	–	1	0	–	–	–	–	–
<b>Bignoniaceae</b>	<i>Aniba</i> sp. 3	loro	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Handroanthus albus</i> (Cham.) Mattos	ipê-amarel o	0	0	0	1	0	0	1	0
	<i>Handroanthus chrysotrichus</i> (Mart. ex A. DC.) Mattos	Pau mulato/ Ipê comum	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Ipê-roxo/ Pau d'arco/ Pau d'arco roxo	0	1	0	1	0	0	1	0
	<i>Jacaranda caroba</i> (Vell.) DC.	Carobinha	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Jacaranda puberula</i> Cham.	carobinha/ caroba-bra nca	1	1	0	1	0	0	0	0
	<i>Sparattosperma leucanthum</i> (Vell.) K. Schum.	Caroba/Cin co-folhas	0	1	1	0	0	1	0	0
	<i>Tabebuia cassinoides</i> (Lam.) DC.	caxeta	0	0	0	1	1	0	0	0
	<i>Tabebuia</i> sp. 1	Ipê-amarel o	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Tabebuia</i> sp. 2	Ipê-rosa	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. ex Kunth	Ipêzinho	0	0	0	0	0	0	1	0
	<i>Zeyheria tuberculosa</i> (Vell.) Bureau ex Verl.	Camará-uç u/ Ipê graúdo	0	1	0	1	0	1	0	0
<b>Bixaceae</b>	<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum/ Aricum/ Corante	1	1	0	0	0	0	0	0
<b>Boraginaceae</b>	<i>Aniba</i> sp. 2	louro	0	0	0	1	0	0	0	0
<b>Burseraceae</b>	<i>Protium heptaphyllum</i>	Amescla	0	0	1	0	0	0	0	0

	(Aubl.) Marchand									
<b>Cactaceae</b>	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Mandacaru	0	0	0	0	0	0	1	0
<b>Calophyllaceae</b>	<i>Calophyllum brasiliense</i> Cambess.	Gulandi carvalho	0	0	0	1	0	0	0	0
<b>Cannabaceae</b>	<i>Trema micranthum</i> (L.) Blume	gandiúba, candiúba	0	0	0	0	0	1	0	0
<b>Caricaceae</b>	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	1	1	0	0	0	0	0	1
	<i>Jacaratia spinosa</i> (Aubl.) A.DC.	mamão-do- mato	1	0	0	0	0	0	0	0
<b>Cordiaceae</b>	<i>Cordia</i> sp.1	louro	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Cordia</i> sp.2	louro-pardo	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Cordia</i> sp.3	louro-pardo	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Cordia superba</i> Cham.	Cocão	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Cordia trichoclada</i> DC.	Aperta-cun	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.	louro-pardo	0	0	0	1	0	0	0	0
<b>Celastraceae</b>	<i>Maytenus boaria</i> Molina	guaracipó	0	0	0	0	1	0	0	0
	<i>Monteverdia erythroxyla</i> (Reissek) Biral	Remela de velho	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Monteverdia ilicifolia</i> (Mart. ex Reissek) Biral	espinheira- Santa	0	1	0	0	0	0	0	0
<b>Chloranthaceae</b>	<i>Hedyosmum brasiliense</i> Mart. ex Miq.	congonha	0	0	0	1	0	0	0	0
<b>Chrysobalanaceae</b>	<i>Hirtella ciliata</i> Mart. & Zucc.	Campineiro , Batibutá bravo	0	0	0	1	0	0	0	0

	<i>Hirtella racemosa</i> Lam.	Azeitona roxa	1	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Leptobalanus octandrus</i> (Hoffmanns. ex Roem. & Schult.) Sothers & Prance	Pau cinza	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Licania</i> sp. 1	milho-torradão	0	0	0	1	0	0	0	0
<b>Clusiaceae</b>	<i>Clusia criuva</i> subsp. <i>parviflora</i> Cambess	mangue	0	0	0	1	1	0	0	0
	<i>Clusia criuva</i> subsp. <i>parviflora</i> Vesque	figueira-brasadeira	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Clusia nemorosa</i> G.Mey.	Gulandi orelha-de-burro	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Garcinia gardneriana</i> (Planch. & Triana) Zappi	bacubari, bacupari	1	1	0	1	0	0	0	0
	<i>Garcinia mangostana</i> L.	Mangustão	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Symphonia globulifera</i> L.f.	Gulandi, Gulandi Amarelo	0	0	0	1	0	0	0	0
<b>Combretaceae</b>	<i>Terminalia catappa</i> L.	Castanhola	1	0	0	0	0	0	0	1
	<i>Terminalia kleinii</i> (Exell) Gere & Boatwr.	angelim	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Terminalia tetraphylla</i> (Aubl.) Gere & Boatwr.	Imbiribiba	0	0	0	1	0	0	0	0
<b>Cordiaceae</b>	<i>Varronia curassavica</i> Jacq.	erva-baleeira	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Varronia leucocephala</i> (Moric.) J.S.Mill.	Moleque-duro	0	1	0	1	0	0	0	0

<b>Cupressaceae</b>	<i>Thuja occidentalis</i> L.	Tuia	0	1	0	0	0	0	0	0
<b>Cyatheaceae</b>	<i>Cyathea</i> sp. 1	Samambaia çú	0	1	0	1	0	0	1	0
<b>Dilleniaceae</b>	<i>Curatella americana</i> L.	Cajueiro bravo	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Dillenia</i> sp.1	Cipó-verm elho ou Cipó-caboc lo	—	1	—	—	—	—	—	—
<b>Elaeocarpaceae</b>	<i>Elaeocarpus serratus</i> L.	azeitona-de -ceirão	1	0	0	0	0	0	0	0
<b>Ericaceae</b>	<i>Rhododendron indicum</i> var. <i>simmsii</i> (Planch.) Maxim.	Azaleia	0	0	0	0	0	0	1	0
<b>Erythroxylaceae</b>	<i>Erythroxylum pulchrum</i> A.St.-Hil.	guará-cipó	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Erythroxylum</i> sp.	Murta Brava	0	0	0	0	0	1	0	0
	<i>Erythroxylum vacciniifolium</i> Mart.	Canudo-de- pito	0	0	0	1	0	0	0	0
<b>Euphorbiaceae</b>	<i>Actinostemon verticillatus</i> (Klotzsch) Baill.	sucanga	0	0	0	1	1	1	0	0
	<i>Aleurites moluccanus</i> (L.) Willd.	angora	1	0	0	0	0	0	0	1
	<i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur	Urtiga branca	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Codiaeum</i> sp. 1	Cróton	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A.Juss.	Pingo-de- ouro/ Cróton	0	0	0	0	0	0	1	0
	<i>Croton</i> sp. 1	Marmeleiro	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Croton</i> sp. 2	Catinga-de- bode	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Euphorbia</i> L.	Avelós	0	0	0	0	0	0	1	0

	<i>Euphorbia pulcherrima</i> Willd. ex Klotzsch	Papagaio/flor-de-janeiro	0	0	0	0	0	0	1	0
	<i>Jatropha curcas</i> L.	Metiolate	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão-roxo/ Pião-roxo	0	0	1	0	0	0	0	0
	<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Pinhão branco	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Joannesia princeps</i> Vell.	Boleira	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Mabea piri</i> Aubl.	cano-de-pitão, canudo-de-pito	1	0	0	1	1	1	0	0
	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Mandioca/ mandioca-doce, mandioca-brava, mandioca-vermelhinha / Macaxeira/ Aipim	1	1	0	0	0	0	0	1
	<i>Maprounea guianensis</i> Aubl.	Santa Luzia	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Ricinus communis</i> L.	Carrapateira/ Mamona	0	1	1	0	0	1	0	0
	<i>Sapium glandulosum</i> (L.) Morong	Leiteira	0	1	0	1	0	0	0	0
	<i>Tetrorchidium</i> sp. 1	bapeva	1	0	0	1	0	0	0	0
<b>Fabaceae</b>	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir.	Jurema preta	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Pterocarpus rohrii</i> Vahl	guaricica ou guaricica-amarela	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Swartzia oblata</i> R.S. Cowan	jatobá	1	0	0	0	0	0	0	0

<i>Abarema cochliacarpus</i> (Gomes) Barneby & J.W.Grimes	Barbatimão	0	1	0	1	0	1	0	0
<i>Albizia polycephala</i> (Benth.) Killip ex Record	Tambor	0	0	0	1	0	1	0	0
<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A.C.Sm.	Cumaru/ Umburana	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Angico	0	0	0	1	0	1	0	0
<i>Andira anthelmia</i> (Vell.) Benth.	Limpeza do mundo	0	0	1	0	0	0	0	0
<i>Andira fraxinifolia</i> Benth.	sucupira	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Andira</i> sp. 1	Angelim-pr eto	0	0	0	1	0	0	1	0
<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel) J.F.Macbr.	Gitaí	0	1	0	1	0	0	0	0
<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Pata-de-vac a	0	0	0	0	0	0	0	1
<i>Bauhinia forficata</i> Link	Pata de vaca	—	1	—	—	—	—	—	—
<i>Bauhinia monandra</i> Kurz	Pata de vaca	—	1	—	—	—	—	—	—
<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Sucupira	0	1	0	1	0	1	0	0
<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	feijão-guan dú/ Andu/ guandu, feijão-de-ár vore	1	1	0	0	0	0	0	0
<i>Calliandra haematocephala</i> Hassk.	Caliandra	0	0	0	0	0	0	1	0



<i>Cenostigma pyramidale</i> (Tul.) Gagnon & G.P.Lewis	Catingueira	0	0	0	1	0	1	0	0
<i>Dalbergia frutescens</i> (Vell.) Britton	braço-forte	0	0	0	0	0	1	0	0
<i>Dalbergia hortensis</i> Heringer, Rizzini & A.Mattos	Endireita mundo	0	1	1	1	0	0	0	0
<i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Allemao ex Benth.	Jacarandá'	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Dimorphandra gardneriana</i> Tul.	Faveira	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Mulungú	0	1	0	0	0	0	1	0
<i>Hydrochorea pedicellaris</i> (DC.) M.V.B.Souares, Iganci & M.P.Morim	Timbuíba	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Hymenaea altissima</i> Ducke	jatobá ou jataí	1	1	0	1	0	0	0	1
<i>Hymenaea erioogyne</i> Benth.	Jatobá	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Hymenaea rubriflora</i> Ducke	Jatobá	1	1	0	0	0	0	0	0
<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. ex Hayne	jatobá	1	1	—	—	—	—	—	—
<i>Hymenolobium janeirense</i> Kuhlmann.	guacuí, guiti	0	0	0	1	1	0	0	0
<i>Inga blanchetiana</i> Benth.	Ingá	1	0	0	0	0	1	0	0
<i>Inga capitata</i> Desv.	Ingá-da-mata	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Inga edulis</i> Mart.	ingá-de-metro	1	0	0	0	1	0	0	0

<i>Inga lenticellata</i> Benth.	ingá-ferro	1	0	0	1	0	0	0	0
<i>Inga marginata</i> Willd.	ingá-feijão	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Inga</i> sp. 1	ingá-macac o	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Libidibia ferrea</i> (Mart.ex Tul.) L.P.Queiroz	Pau ferro	0	1	0	1	0	0	0	0
<i>Machaerium</i> <i>isadelphum</i> (E.Mey.) Amshoff	Muchoco	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Machaerium</i> <i>nyctitans</i> (Vell.) Benth.	Bico de pato	0	0	0	1	0	1	0	0
<i>Machaerium</i> <i>salzmannii</i> Benth.	Pau-Ferro	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Machaerium</i> <i>scleroxylon</i> Tul.	Caveiu' na	0	0	0	1	0	1	0	0
<i>Machaerium</i> sp. 1	Angú seco	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Machaerium</i> <i>villosum</i> Vogel	Jacaranda' roxo	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Melanoxylon</i> <i>brauna</i> Schott	Brauna	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Mimosa</i> <i>caesalpiniifolia</i> Benth.	Sabiá	1	0	0	1	0	1	0	0
<i>Mimosa</i> <i>pteridifolia</i> Benth.	Jurema	0	0	0	0	0	1	0	0
<i>Mimosa</i> <i>tenuiflora</i> (Wild.) Poir.	Jurema	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Myrocarpus</i> <i>frondosus</i> Allemão	cabreúva	0	0	0	1	0	0	0	0
Não identificada	Canzenzo	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Paubrasilia</i> <i>echinata</i> (Lam.) Gagnon,	Pau-Brasil	0	0	0	0	0	0	0	1

H.C.Lima & G.P.Lewis									
<i>Piptadenia gonoacantha</i> (Mart.) J.F.Macbr.	caniveteiro/ Jacaré/ Pau-jacaré	0	0	0	1	0	1	0	0
<i>Piptadenia retusa</i> (Jacq.) P.G.Ribeiro, Seigler & Ebinger	Jurema branca	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Plathymenia reticulata</i> Benth.	Amarelo/vi nhático	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Platypodium elegans</i> Vogel	Jacarandá branco	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Prosopis juliflora</i> (Sw.) DC.	Algaroba	0	0	0	1	0	0	0	1
<i>Pseudopiptadenia leptostachya</i> (Benth.) Rauschert	cobi	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel.	Sucupira	0	0	0	0	0	0	1	1
<i>Pterogyne nitens</i> Tul.	Madeira nova	—	1	—	—	—	—	—	—
<i>Schizolobium parahyba</i> (Vell.) Blake	bacaurubu / Guapuruvu	0	0	0	1	0	0	0	0
<i>Senna macranthera</i> (DC. ex Collad.) H.S.Irwin & Barneby	Pau de cachimbo	0	0	0	1	0	0	1	0
<i>Senna multijuga</i> (Rich.) H.S.Irwin & Barneby	Angico	—	1	—	—	—	—	—	—
<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Fedegoso ou Camacho/ Manjerioba	0	1	0	0	0	0	0	0
<i>Senna</i> sp. 1	Fedegosinh o	—	1	—	—	—	—	—	—

	<i>Stryphnodendron adstrigens</i> (Mart.) Couille	Barbatimão ou Babatenã	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Stryphnodendron polyphyllum</i> Mart.	Barbatimão	0	1	1	1	0	1	0	0
	<i>Stryphnodendron pulcherrimum</i> (Willd.) Hochr.	Barbatimão	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Swartzia oblata</i> R.S.Cowan	barbatimão	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Swartzia simplex</i> var. <i>grandiflora</i> (Raddi) R.S.Cowan	laranjeira-do-mato; canela-pregado	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Tachigali paratyensis</i> (Vell.) H.C.Lima	ingá-flecha	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Tachigali</i> sp. 1	ingá-amarelo	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Tachigali</i> sp. 2	ingá-flecha	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Tachigali</i> sp. 3	ingá-amarelo (fedido)	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Tamarindus indica</i> L.	Tamarindo	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Tephrosia candida</i> DC.	trifosa	0	0	0	0	0	0	0	1
	<i>Vataireopsis araroba</i> (Aguiar) Ducke	Sicupira	0	0	0	1	0	0	0	0
<b>Hernandiaceae</b>	<i>Sparattanthelium botocudorum</i> Mart.	Arco de Poa	0	0	0	1	0	0	0	0
<b>Hydrangeaceae</b>	<i>Hydrangea macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	Hortênsia	0	0	0	0	0	0	1	0
<b>Hypericaceae</b>	<i>Vismia brasiliensis</i> Choisy	Ruão	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	Lacre	0	0	0	0	0	1	0	0
<b>Lacistemataceae</b>	<i>Lacistema lucidum</i> Schnizl.	tatuzinho, burrachudo	0	0	0	1	0	1	0	0

Lamiaceae	<i>Aegiphila integrifolia</i> (Jacq.) Moldenke	Papagaio/ cajuja, maria-mole	0	0	0	0	1	1	0	1
	<i>Aegiphila pernambucensis</i> Moldenke	Fumo branco	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Aegiphila</i> sp.	Papagaio pequeno	0	0	0	0	0	1	0	0
	<i>Hyptidendron asperrimum</i> (Epling.) Harley	Cinzeiro	0	0	0	0	0	1	0	0
	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Alfavaca/ Favacão/ Quioiô/ Quitotô/ Alfavaca Tiôidô/ Louro do mato/ Louro-bravo	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Peumus boldus</i>	Boldo	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng.	hortelã-castelo/ hortelã-de-carne/ Hortelã grande/ Hortelã grosso/ Hortelã-pimenta	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Boldo/ boldo-com-pelo	0	1	0	1	0	0	0	0
	<i>Plectranthus neochilus</i> Schltr.	Boldo	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	0	1	1	0	0	0	1	0
	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Liamba	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Vitex polygama</i> Cham.	tarumã	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Vitex</i> sp. 1	Cinco-folhas-roxo	0	1	0	0	0	0	0	0

<b>Lauraceae</b>	<i>Cryptocarya saligna</i> Mez	Canela-sassafráize	1	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Aniba</i> sp. 4	canela-parda ou amarela	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Cinnamomum</i> sp.	Canela	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Cinnamomum verum</i> J. Presl	Canela	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Cryptocarya mandioccana</i> Meisn.	noz-moscada	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Cryptocarya saligna</i> Mez	canela-sassafráize	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Endlicheria paniculata</i> (Spreng.) J.F.Macbr.	Capoeira branca	0	0	0	0	0	1	0	0
	<i>Laurus nobilis</i> L.	Louro-comida/ louro	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Nectandra oppositifolia</i> Nees & Mart	Canela branca / Canela/caneleira/canela-domato	1	0	0	1	1	1	0	0
	<i>Nectandra</i> sp. 1	Louro	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Ocotea longifolia</i> Kunth	Inhuíba-pagaio	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Ocotea odorifera</i> (Vell.) Rohwer	Sassafráz/ Inhuíba-funcho/sucupira	0	1	0	1	0	1	0	0
	<i>Ocotea puberula</i> (Rich.) Nees	Canela de rego	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Ocotea</i> sp. 1	Canela vermelha	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacateiro/ Abacate/ Abacate-roxo	1	1	0	0	0	1	0	1
<b>Lecythidaceae</b>	<i>Cariniana estrellensis</i> (Raddi) Kuntze	jequitibá/ Jequitibá-branco	0	0	0	1	0	0	0	0

	<i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kuntze	Jequitibá-r osa	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Eschweilera ovata</i> (Cambess.) Mart. ex Miers	Birira, Imbiriba	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Eschweilera</i> sp.	Imbirema	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Lecythis pisonis</i> Cambess.	Sapucaia	0	0	0	1	0	0	0	0
<b>Lythraceae</b>	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	1	1	0	0	0	0	0	1
<b>Malpighiaceae</b>	<i>Bunchosia glandulifera</i> (Jacq.) Kunth	guaraná ou cerejinha	0	0	0	0	0	0	0	1
	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth	Murici	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Byrsonima gardneriana</i> A.Juss.	Murici branco	1	0	0	0	0	1	0	0
	<i>Byrsonima sericea</i> DC.	Murici	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Byrsonima</i> sp. 1	Murici	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Malpighia emarginata</i> DC.	Acerola	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	1	1	0	0	0	0	0	1
	<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.	Imbira de jangada, Pau de jangada	0	0	0	1	0	0	0	0
<b>Malvaceae</b>	<i>Eriotheca pentaphylla</i> (Vell.) A.Robyns	imbiruçu	0	0	0	1	1	0	0	0
	<i>Gossypium barbadense</i> L.	Algodão	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Gossypium</i> sp. 1	algodão	0	0	0	0	0	0	0	1

	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba	0	1	0	1	0	0	0	1
	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Hibisco	0	0	0	0	0	0	1	0
	<i>Hibiscus schizopetalus</i> (Dyer) Hook.f.	Hibisco crespo	0	0	0	0	0	0	1	0
	<i>Luehea divaricata</i> Mart.	Açoita cavalo	0	1	1	0	0	0	0	0
	<i>Malvaviscus arboreus</i> Cav.	Malvavisco / papoula	0	0	0	1	0	0	1	0
	<i>Pachira glabra</i> Pasq.	castanha/ Castanha-do-maranhão	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Pseudobombax</i> sp. 1	Imbira	1	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Sida planicaulis</i> Cav.	vassoura-cabata/ vassoura-guanxuma	0	1	0	0	1	0	0	1
	<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacau	1	0	0	0	0	0	0	1
<b>Melastomataceae</b>	<i>Clidemia hirta</i> (L.) D. Don	pixirica, maria pretinha, guanum	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Huberia ovalifolia</i> DC.	tinteiro	0	0	0	0	0	0	0	1
	<i>Leandra nianga</i> (DC.) Cogn.	Quaresminha	0	0	0	0	0	1	1	0
	<i>Leandra sericea</i> DC.	Quaresmeirinha	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Leandra</i> sp. 1	Quaresminha	0	0	0	0	0	1	0	0
	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Steud.	Camará-mirim/ Camacho; canela-de-velho/ Quaresminha	1	1	0	0	0	1	1	0
	<i>Miconia cinnamomifolia</i> (DC.) Naudin	jacatirão/ Murici	0	0	0	1	0	1	0	0



	<i>Miconia cubatanensis</i> Hoehne	Zumbi / Carvãozin	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Miconia dodecandra</i> Cogn.	pixirica	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Miconia prasina</i> (Sw.) DC.	pixirica	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Miconia</i> sp. 1	Zumbi	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Miconia</i> sp. 2	Murici cabec a de boi	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Miconia</i> sp. 3	Zumbi	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Pleroma granulosum</i> (Desr.) D. Don	Chorão	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Pleroma heteromallum</i> (D.Don) D.Don	Quaresmeir a	0	0	0	0	0	0	1	0
	<i>Pleroma raddianum</i> (DC.) Gardner	quaresmeir a/ manacá-da-serra	0	0	0	1	0	1	0	1
	<i>Pleroma semidecandrum</i> (Schrunk et Mart. ex DC.) Triana	Quaresmin ha	0	0	0	0	0	0	1	0
<b>Meliaceae</b>	<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Nim	0	1	0	0	0	0	1	0
	<i>Cabralea canjerana</i> (Vell.) Mart.	Tento/ ingá-cajara na	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Cedro/ cedro-rosa/ Cedro-bran co	0	1	1	1	0	0	0	0
	<i>Cedrela odorata</i> L.	cedro	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Guarea macrophylla</i> Vahl.	Figuinho/ café-do-ma to	1	0	0	1	1	0	0	0
	<i>Trichilia silvatica</i> C. DC.	Gramarim/ Pixiricão	1	0	0	1	0	0	0	0

<b>Moraceae</b>	<i>Artocarpus altilis</i> (Parkinson) Fosberg	fruta-pão	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaqueira/Jaca	1	1	0	1	0	0	0	1
	<i>Artocarpus integrifolia</i> L.f.	Jaca	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Artocarpus</i> J.R. Forst. & G. Forst.	Fruta-pão	1	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	Inharé	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Brosimum glaziovii</i> Taub.	Camboatã	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Brosimum guianense</i> (Aubl.) Huber	guaricica-da-vermelha	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Ficus adhatodifolia</i> Schott in Spreng.	figueira-branca	0	0	1	1	1	0	0	1
	<i>Ficus benjamina</i> L.	Benjamin	0	0	0	0	0	0	1	0
	<i>Ficus clusiaefolia</i> Schott	Mulhembá	1	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Ficus gomelleira</i> Kunth	figueira-parada	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Ficus</i> sp. 1	Cutindiba	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Morus alba</i> L.	Amora	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Morus nigra</i> L.	Amora	1	1	0	0	0	0	0	1
	<i>Sorocea guilleminiana</i> Gaudich.	garapinha, espinheira-Santa, guaricica-da-marrom	0	0	0	1	1	0	0	0
<b>Myristicaceae</b>	<i>Myristica fragrans</i> Houtt.	Noz-moscada	0	1	0	0	0	0	0	0

<b>Myrtaceae</b>	<i>Virola bicuhyba</i> (Schott ex Spreng.) Warb.	bicuíba	0	0	0	1	1	1	0	1
	<i>Virola</i> sp. 1	Bicuíba	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Myrsine umbellata</i> Mart.	Capororoca /mangue-da mata	1	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Campomanesia dichotoma</i> (O.Berg) Mattos	Gobiroba	0	1	0	0	0	1	0	0
	<i>Campomanesia phaea</i> (O.Berg) Landrum	cambuci	1	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto	0	1	0	0	0	0	0	1
	<i>Eucalyptus</i> sp.1	Eucalipto	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Eugenia astringens</i> Cambess.	araçarana	0	0	0	0	0	1	0	0
	<i>Eugenia brasiliensis</i> Lam.	grumixama / Tuizinho	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Eugenia candolleana</i> DC.	Araçá-da-mata	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Eugenia multicostata</i> D. Legrand	carambola-do-mato; pau-Brasil	1	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Eugenia</i> sp. 1	goiabinha	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Eugenia</i> sp. 2	Murta	1	0	0	0	0	1	0	0
	<i>Eugenia speciosa</i> Cambess.	Laranjinha	0	0	0	0	1	0	0	0
	<i>Eugenia stipitata</i> McVaugh	araçá-do-norte, de morcego ou cerrado	1	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Eugenia sulcata</i> Spring ex Mart.	pitanga-do-mato	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	1	1	0	0	0	0	0	1

<i>Myrcia guianensis</i> (Aubl.) DC.	Goiabinha	0	0	0	0	0	0	0	0
<i>Myrcia neoriedeliana</i> E.Lucas & C.E.Wilson	cambucá-d o-mato	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Myrcia perforata</i> O.Berg	Gumirim	0	0	0	1	0	1	0	0
<i>Myrcia</i> sp. 1	arco-de-pe neira	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Myrcia</i> sp. 2	arco-de-pe neira	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Myrcia</i> sp. 3	arco-de-pe neira	0	0	0	0	1	0	0	0
<i>Myrcia spectabilis</i> DC.	arueira, arco-de-pe neira	1	0	0	1	0	0	0	0
<i>Myrcia splendens</i> (Sw.) DC.	Gumirim/ Batinga	0	0	0	1	0	1	0	0
<i>Myrcia sylvatica</i> (G.Mey.) DC.	Purpuna	0	0	0	1	0	1	0	0
<i>Myrcia tomentosa</i> (Aubl.) DC.	Goiabinha	0	0	0	0	0	1	0	0
<i>Myrciaria glazioviana</i> (Kiaersk.) G.M.Barroso ex Sobral	cabeludinh a	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Plinia edulis</i> (Vell.) Sobral	cambucá	1	0	0	0	0	1	0	0
<i>Plinia peruviana</i> (Poir.) Govaerts	Jaboticaba	1	1	0	0	0	0	0	1
<i>Plinia</i> sp. 1	jaboticaba	1	0	0	0	0	0	0	0
<i>Plinia trunciflora</i> (O.Berg) Kausel	Jaboticaba	1	—	—	—	—	—	—	—
<i>Psidium cattleyanum</i> Sabine	Araça miúdo/ Araçá/ aracá ou	1	1	0	0	1	0	0	1

		araçá-de-beira-de-praia								
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba/ Goiabinha do campo/ goiaba-branca	1	1	0	1	0	0	0	1
	<i>Psidium guineense</i> Sw.	Araçá/ Araçá-mirim/ Goiaba	1	1	0	1	0	1	0	0
	<i>Psidium oligospermum</i> Mart. ex DC.	Erva doce do mato	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merr. & L.M.Perry	Cravo	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Oliveira/ Jamelão/ João-melão / Ogum-mechama/ Araçá-uma	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston	jambo/ jambolão/ jambo-amarelo	1	1	0	0	0	0	0	1
	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. & L.M. Perry	Jambo/ jambo-roxo / jambolão	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Syzygium</i> sp. 1	Azeitona	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Syzygium</i> sp. 2	azeitona	1	1	—	—	—	—	—	—
<b>Nyctaginaceae</b>	<i>Guapira nitida</i> (Mart. ex J.A. Schmidt) Lundell	carne-seca	0	0	0	0	1	0	0	0
<b>Ochnaceae</b>	<i>Ouratea hexasperma</i> (A.St.-Hil.) Baill.	Batibutá	1	0	0	1	0	0	0	0
<b>Olacaceae</b>	<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa/ Ameixa branca/ Ameixa selvagem	1	1	0	1	0	0	0	0

<b>Orchidaceae</b>	<i>Vanilla planifolia</i> Jacks ex. Andrews	Banana-de-nicuri	—	1	—	—	—	—	—	—
<b>Oxalidaceae</b>	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	1	1	0	0	0	0	0	1
<b>Peraceae</b>	<i>Pera glabrata</i> (Schott) Baill.	Sete-caixa/chile, casca-preta	0	0	0	1	0	1	0	0
<b>Phyllanthaceae</b>	<i>Hieronyma alchorneoides</i> Allemão	aricurana	0	0	0	1	0	0	0	0
<b>Phytolacaceae</b>	<i>Gallesia integrifolia</i> (Spreng.) Harms	Pau-d'alho	0	0	1	1	0	0	0	0
<b>Pinaceae</b>	<i>Pinus</i> sp. 1	Pinheiro	0	0	0	0	0	0	0	1
<b>Piperaceae</b>	<i>Piper aduncum</i> L.	João-boradín	—	1	0	—	—	—	—	—
	<i>Piper arboreum</i> Aubl.	Jarabandí grande	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Piper cernuum</i> Vell.	papel-higiênico	0	0	0	0	0	0	0	1
	<i>Piper gaudichaudianum</i> Kunth	jubrandi	0	0	0	0	0	0	0	1
	<i>Piper marginatum</i> Jacq.	Mavaíscó	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Piper miquelianum</i> C.DC.	Jarabandí	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Piper mollicomum</i> Kunth	perta-ruão	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Piper scutatum</i> Raddi	jaborandi	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Piper</i> sp. 1	Jarabandí graúdo	0	1	0	0	0	0	0	0
<b>Polygonaceae</b>	<i>Coccoloba alnifolia</i> Casar.	Cavaçú	0	0	0	1	0	1	0	0
<b>Primulaceae</b>	<i>Myrsine coriacea</i> (Sw.) R.Br. Ex Roem. & Schult.	capororoca	0	0	0	1	1	0	0	1

	<i>Myrsine guianensis</i> (Aubl.) Kuntze	Pororoca	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Stylogyne lhotzkyana</i> (A.DC.) Mez	sapopema	0	0	0	1	0	1	0	0
<b>Rhizophoraceae</b>	<i>Rhizophora mangle</i> L.	Mangue-vermelho	—	1	—	—	—	—	—	—
<b>Rosaceae</b>	<i>Crataegus laevigata</i> (Poir.) DC.	Espinheiro	0	0	0	0	0	1	0	0
	<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	ameixa; ameixa-amarela	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Malus pumila</i> Mill.	Maçã	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Prunus domestica</i> L.	Ameixa	1	1	0	0	0	1	0	0
	<i>Prunus dulcis</i> (Mill.) D. A. Webb	Amêndoa	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Prunus persica</i> (L.) Batsch	Pêssego	1	—	—	—	—	—	—	—
	<i>Rosa chinensis</i> Jacq. L.	Rosinha	0	0	0	0	0	0	1	0
	<i>Spiraea chamaedryfolia</i> L.	Buquê-de-noiva	0	0	0	0	0	0	1	0
<b>Rubiaceae</b>	<i>Alseis pickelii</i> Pilg. & Schmale	Canela de veado	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Bathysa australis</i> (A.St.-Hil.) K.Schum.	aribarrosa	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Bathysa mendoncae</i> K. Schum.	sapopema	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitch.	Trussisco	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Coffea arabica</i> L.	café	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Coffea</i> L.	Café	1	0	0	0	0	1	0	0

	<i>Coffea</i> sp. 1	Café	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K.Schum.	Quina-Quina/ Quina	0	1	0	1	0	0	0	0
	<i>Faramea hymenocalyx</i> M. Gomes	catinga-de-porca	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Genipa americana</i> L.	Genipapo	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Genipa</i> sp.	Jenipapo manso	1	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Guettarda platypoda</i> DC.	Angélica	1	1	0	0	0	1	0	0
	<i>Ixora coccinea</i> L.	Flor-vermelha	0	0	0	0	0	0	1	0
	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Posoqueria latifolia</i> (Rudge) Schult.	Fruta-de-macaco	1	—	—	—	—	—	—	—
	<i>Rustia formosa</i> (Cham. & Schltdl.) Klotzsch	manduberna/ guacá	0	0	0	1	1	0	0	0
	<i>Tocoyena sellowiana</i> (Cham. & Schltdl.) K.Schum.	Jenipapo bravo	0	1	0	1	0	0	0	0
	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	mamica-de-porca ou manataru	0	1	0	1	1	1	0	0
<b>Rutaceae</b>	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Flor de mexerica	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Citrus ×limon</i> (L.) Osbeck	Limão/ Limão-verdadeiro	1	1	0	0	0	0	0	1
	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle.	Limoeiro	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Citrus aurantium</i> L.	Limão-cravo/ Laranja-da-	0	1	0	0	0	0	0	0



		terra/ Laranja								
	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Tangerina/ laranja-mix irica/ Bergamota	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja/ Laranjeira	1	1	0	0	0	0	0	1
	<i>Citrus</i> sp. 1	Bergamota	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Citrus</i> sp. 2	Limão-crav o	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Citrus</i> sp. 4	Mixirica	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Citrus</i> sp. 5	Laranja-Ba hia	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Citrus</i> sp. 6	Pokã	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Hortia brasiliiana</i> Vand. ex DC.	Paratudo	0	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Murraya paniculata</i> (L.) Jack	Murtinha/ Jasmim laranja	0	0	0	1	0	0	1	0
<b>Salicaceae</b>	<i>Xylosma prockia</i> (Turcz.) Turcz.	Espinho de agulha, Espinho de roseta	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Casearia arborea</i> (Rich.) Urb.	Canela de veado	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Casearia commersoniana</i> Cambess.	Casquinha	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Casearia javitensis</i> Kunth	Café do Mato	0	0	0	1	0	1	1	0
	<i>Casearia lasiophylla</i> Eichler	Canela de veado	0	0	0	1	0	0	1	0
	<i>Casearia sylvestris</i> Sw.	Erva lagarto/ Sapucainha /taguririba	0	1	1	1	0	0	0	0
<b>Sapindaceae</b>	<i>Cupania emarginata</i> Cambess.	Camboatã	0	0	0	1	1	0	0	0

Sapotaceae	<i>Cupania impressinervia</i> Acev.-Rodr.	Cabatimă, Cabatã	0	1	0	1	0	1	0	0
	<i>Cupania ludowigii</i> Somner & Ferrucci	Camboatã	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Cupania oblongifolia</i> Mart.	Camboatã-da-folha-grande/ cubatam/ angora	0	1	0	1	1	1	0	0
	<i>Cupania vernalis</i> Cambess.	Canjerona/ Camboatã	0	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Litchi chinensis</i> Sonn.	Lichia	1	0	0	0	0	0	0	1
	<i>Talisia esculenta</i> (Cambess.) Radlk.	Pitomba	1	1	0	1	0	1	0	1
	<i>Ecclinusa ramiflora</i> Mart.	guacua, guaca	1	0	0	1	1	1	0	1
	<i>Manilkara inundata</i> (Ducke) Ducke	Maçaranduba	0	0	0	0	0	0	0	1
	<i>Micropholis crassipedicellata</i> (Mart. & Eichler) Pierre	bacubixaba	1	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Mimusops coriacea</i> (A.DC.) Miq.	abrico	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Pouteria caimito</i> (Ruiz & Pav.) Radlk.	abiu, guapeva	1	0	0	1	0	1	0	0
	<i>Pouteria grandiflora</i> (A.DC.) Baehni	Goiti	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Pouteria</i> sp.1	guacuaçu	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Pouteria</i> sp.2	guacuaçu	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Schult.) T.D.Penn.	Quixaba	1	1	0	0	0	0	0	1

<b>Siparunaceae</b>	<i>Siparuna brasiliensis</i> (Spreng.) A.DC.	Limãozinho	0	0	1	0	0	0	0	0
	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Negramina	0	1	1	0	0	0	0	0
<b>Solanaceae</b>	<i>Athenaea tomentosa</i> (Sendtn.) I.M.C.Rodrigues & Stehmann	Pau canjenga	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Capsicum praetermissum</i> Heiser & P.G.Sm.	Cumari	1	0	0	0	0	0	0	0
	<i>Cestrum axillare</i> Vell.	Corona	—	1	0	—	—	—	—	—
	<i>Iochroma arborescens</i> (L.) J.M.H. Shaw	Maria neira	0	0	1	0	0	1	0	0
	<i>Solanum asperum</i> Rich.	Vapugueira	0	0	0	0	0	0	0	1
	<i>Solanum cernuum</i> Vell.	Panacéia	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Solanum lycocarpum</i> A. St.-Hil.	Fruta de lobo	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	1	1	0	0	0	1	0	0
	<i>Solanum pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Baúna/ piloteria	1	1	0	0	1	1	0	1
	<i>Solanum scuticum</i> M. Nee	jurubeba	0	1	0	0	0	0	0	1
<b>Urticaceae</b>	<i>Boehmeria caudata</i> Sw.	urtiga-bran ca	—	1	—	—	—	—	—	—
	<i>Boehmeria nivea</i> (L.) Gaudich	Rami	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Cecropia glaziovii</i> Snethl.	embaúba/ Imbaúba/ bauibeira	1	1	0	1	0	0	0	0
	<i>Cecropia pachystachia</i> Trécul.	embaúba/ bauibeira/ umbaúba rosa	1	1	0	1	0	1	0	0

	<i>Cecropia</i> sp.	Embaúba	–	1	–	–	–	–	–	–
	<i>Pourouma guianensis</i> Aubl.	baubu	0	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Urera baccifera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.	urtiga-roxa	1	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Urera caracasana</i> (Jacq.) Griseb.	urtiga-branca	–	1	–	–	–	–	–	–
	<i>Urera nitida</i> (Vell.) P. Brack	urtiga	1	0	0	0	0	0	0	0
Verbenaceae	<i>Aloysia gratissima</i> (Gillies & Hook.) Tronc.	Alfazema	0	1	1	0	0	0	0	0
	<i>Citharexylum myrianthum</i> Cham.	tarumã	1	0	0	1	0	0	0	0
	<i>Duranta erecta</i> L.	Pingo de ouro	0	1	0	0	0	0	1	1
	<i>Lantana camara</i> L.	Camará/Camará-de-chumbo	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Lippia alba</i> (Mill) N.E. Br.ex Britton & P.Wilson	Erva cidreira/Cidreira/Falsa Melissa/melissa/cidrão ou ponta-livre	0	1	0	0	0	0	0	0
	<i>Lippia</i> sp. 1	Alecrim-do-mato	0	1	0	0	0	0	0	0
–	Sp. 1	Algodão	–	1	–	–	–	–	–	–
	Sp. 2	Sucupira	–	1	–	–	–	–	–	–
	Sp. 3	Abre-caminho	–	1	–	–	–	–	–	–
	Sp. 4	Corticeira	–	1	–	–	–	–	–	–
	Sp. 5	Salgueiro	–	1	–	–	–	–	–	–

Identificação: Família = família botânica; Nome Cient = nome científico; Nome pop = nome popular (união dos nomes citados); Categorias de usos: A = alimentício; M = medicinal; R = ritualístico; MB = madeira beneficiada; Art = artesanatos; LC = lenha e combustível; O = ornamental; Ots = outros. Fatores: “1” = contém citação para

esse uso; “0” = não contém citação para esse uso; “-” = categoria de uso não avaliada no estudo de referência.  
Fonte: elaborado pela autora com base nos artigos selecionados (2024).